

DM
CARV/MR.1

DM
CARV

**INSTITUTO SUPERIOR
DE
PSICOLOGIA APLICADA**

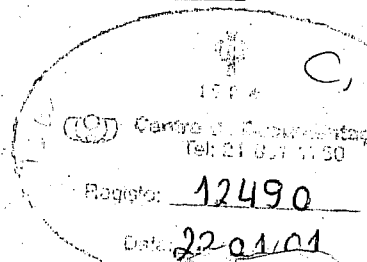
**TESE DE MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA
E
PSICOLOGIA CLÍNICA**

MARIA RAQUEL TORRES LIMA DO VALE CARVALHO

**Estudo Exploratório sobre o Desejo de
Imortalidade Simbólica e a Ansiedade
Perante a Morte
em Jovens Adultos Universitários**

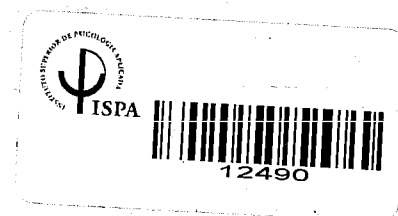
Orientador do Seminário: Prof. Doutor Eurico Figueiredo

LISBOA, JANEIRO DE 2000



**Estudo Exploratório sobre o Desejo de
Imortalidade Simbólica e a Ansiedade
Perante a Morte em Jovens Adultos
Universitários**

Res. 12490
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA



*Gostaria de dedicar este trabalho
à minha filha Patrícia.*

Agradecimento

*... Ao meu marido Sérgio, pelo seu apoio,
dedicação e incentivo.*

*... Aos meus irmãos Fernando e Vanessa,
pela sua colaboração, disponibilidade e amizade.*

*... Aos meus colegas, em especial à Professora
Doutora Luísa Lima e à Dr^a. Ana Luísa Teixeira
pelo seu apoio e disponibilidade.*

*“... E sentiu-se muito feliz. A sua flor
tinha-lhe dito era a única daquela espécie
no Universo. E afinal estavam ali cinco mil
todas iguais, no mesmo jardim ...”*

*“... E depois ainda pensou: «Julgava-me
muito rico por ter uma flor única no mundo
e, afinal, só tenho uma rosa vulgar. Ela e os
meus três vulcões que mal me chegam ao
joelho - um dos quais, se calhar, extinto
para todo o sempre - não fazem de mim
um grande príncipe ...»
E, deitado na relva, desatou a chorar ...”*

(Saint - Exupéry, “O príncipezinho”,
pag. 64-66.)

ÍNDICE

Capítulo I

Introdução	8
1. Maturidade e Futuro	16
2. Os Limites Psicológicos do Homem	33
2.1. A Ansiedade e a Morte	39
2.2. Morte e Imortalidade	49

Capítulo II

1. Tema	60
2. Problema	60
3. Hipóteses de trabalho	60
4. Variáveis em Estudo	61
5. Descrição dos Instrumentos	62
5.1. Escala de Imortalidade Simbólica de J. Lifton	62
5.2. Apresentação da Escala de Imortalidade Simbólica	68
(versão revista por Mathews e Kling, 1988)	
5.2.1. Instrução e Cotação da Escala	73
5.2.2. A Fideidade da Escala	73
5.3. Escala de Ansiedade perante a Morte.....	74

5.3.1. Os Factores que constituem a Escala de Ansiedade perante a Morte	76
5.3.2. Fidelidade da Escala de Ansiedade perante a Morte	79
6. Procedimento	80
7. População	82
8. Amostra	82
8.1. Caracterização da Amostra em Estudo	83
9. Tratamento Estatístico	98
9.1. Análise Descritiva	88
9.1.1. Escala de Imortalidade Simbólica	88
9.1.2. Escala de Ansiedade perante a Morte	95
9.2. Análise da Consistência Interna da Escala de Imortalidade Simbólica e de Escala de Ansiedade	101
9.3. Teste de Hipóteses	103
9.4. Análise de Correlações	109
Conclusão	111
Bibliografia	119
Anexos	125
Listagem de Quadros	
Questionário das Escalas	

Capítulo I

Introdução

A humanidade é na actualidade "palco" de profundas mudanças e transformações. Toda a época histórica é atravessada pelas suas contradições e animada por dinamismos e ritmos constantes com os acontecimentos passados. Parece que a característica particular do tempo actual é a contradição - ameaçam as guerras em vários pontos do globo, mas a vontade e a determinação em favor da paz é defendida por diversas sociedades..

A modernidade parece ter sido vivida sob a ideia de libertação das leis da natureza, da história e a sua força provém e acompanha as resoluções científicas, políticas, económicas e sociais.

No decurso destas mudanças o homem produz ideias e ideais, luta, procura afastar grandes e variados males e construir estruturas adequadas á nova mentalidade: a busca da razão científica, o domínio tecnológico sobre a natureza e a sociedade, o aparecimento e crescimento de grandes sistemas ideológicos no espaço vazio. Tudo isto, que compõe uma tecnologia materialista dá corpo á ideia de progresso. A humanidade, ao longo dos séculos tem visualizado o futuro como um mundo aberto e com um desenvolvimento ilimitado.

O progresso vai gerando novos processos num encadeamento contínuo fazendo esquecer os conflitos estruturais e as mudanças contraditórias, e o mundo vai perdendo

os seus mistérios. A naturalização da ordem existente, superou tudo o que se afirmou como supra-natural. No passado, havia-se conseguido o equilíbrio do mundo natural através da construção de um imaginário colectivo capaz de abrir as mentalidades ao universo fechado em que o indivíduo vivia pelo entrelaçar do natural e o sobrenatural.

Era uma realidade contínua, difícil de destruir, mas progressivamente o progresso tecnológico e científico destituiu e rompeu com o mundo sacral. Assim, actuam agora forças naturais onde antes se recorria á intervenção do sobrenatural. O enfraquecimento das religiões históricas na consciência do indivíduo, reforça por sua vez, a vontade de procura de um maior conhecimento da natureza e da história (Fernandes, 1991).

O vazio criado pelo progresso secular em sociedades profundamente transformadas nas condições de vida e nas representações do próprio mundo, faz surgir diversas ideologias, que vêm substituir funcionalmente o segredo do passado.

Este funcionalismo acabou transformando o indivíduo num simples instrumento. - num consumismo generalizado e na sensação de bem estar social a que o utilitarismo reduziu a felicidade. A vida humana parece ter sido reduzida a uma dimensão pragmática e de apatia, cujo o único caminho possível parece ser a utopia.

A era moderna parece incluir duas dimensões opostas, contrárias. Por um lado é vivida como uma experiência de afirmação da dignidade da pessoa humana e da libertação para a autonomia, introduzindo rupturas com o passado, alargando os horizontes orientados para um futuro imaginável num desejo de emancipação e libertação do presente.

Mas, por outro lado, fez coexistir o progresso com a miséria, a alienação,

limitando a vida e retirando a essência do próprio homem. Temos como exemplo disso, a experiência da Bomba Atômica, Chernobyl, as armas químicas, a industrialização desenfreada que polui a natureza e altera o equilíbrio do ecossistema humano; a exploração dos recursos naturais até à exaustão que põe em perigo a sociedade humana, e a própria engenharia genética, que ameaça a harmonia existente da criação humana.

O domínio tecnológico da sociedade, que promove o individualismo provoca a perda da subjectividade humana, massificando a vida colectiva, rompe as ligações sociais e lança o homem na busca da felicidade utilitarista deixando-o desumanizado. O homem desencadeia forças que depois não é capaz de controlar.

Em todo este processo, o mundo experiencial humano é atingido e envolvido: a sua subjectividade, a liberdade e a consciência do eu e da morte. Este homem actual torna-se indiferente e apático, vivendo sob a ameaça da destruição ecológica, na angústia e na incerteza, depois da euforia sentida pela conquista e transformação do mundo. A vida parece ter passado de um mistério para um problema.

“O drama do homem consiste em ao desfazendo-se dos valores culturais do passado, não tem aptidão nem coragem para construir outro imaginário colectivo susceptível de dar significado às relações sociais, particularmente à conexão entre a vida e a morte, entre a existência e o que está para além dela.” (Fernandes 1991). O homem ao tornar-se o centro da história, na ânsia da dominação e da exploração de espaços infundos, foi desacreditando nas forças que anteriormente regiam o seu destino, abandona-se às suas limitações, e reduzindo a sua vivência quotidiana; sem imaginário e sem mistério, os seus sonhos ligam-se à angústia e ao medo. A ciência abre o

conhecimento sobre o mundo, e mostra a complexidade do ecossistema em que vive a sociedade, deixando-a indefesa, pela perda de representações, que no passado ofereciam um sentido á existência.

Atrás da história, a humanidade conseguiu viver e sobreviver graças às ligações sociais que foi capaz de estabelecer, pois a personalidade de cada indivíduo existia dissolvida nos grupos de pertença. As pessoas viviam mais para as actividades, para as comunidades.

Mas a consciência de si mesmos, e o seu sentido de individualidade distingue os indivíduos entre si tornando-se necessário portanto, que o homem possua um self forte, ou seja, um forte sentido de identidade pessoal, que lhe permita relacionar-se com a própria natureza, mas não ser absorvido por ela. E isto coloca o homem numa situação deveras ameaçadora da sua integridade psicológica. Por um lado a necessidade básica de se individualizar, por outro lado a necessidade também básica de se responsabilizar pela natureza, pela preservação do seu próprio futuro. Isto é passível de ser observado nas manifestações frequentes das catástrofes naturais ou provocadas pelo próprio homem, e nas tentativas por vezes desastradas para as remediar. O salvaguardar a natureza tem uma dupla função: salvaguardar a existência do próprio homem, que parece ter começado a consciencializar que está a atingir o limite de vida aceitável, e também salvaguardar a vida das gerações vindouras. O indivíduo no mundo é sempre uma pessoa com outras no mundo, valor pelo qual a vida do indivíduo pode ser medido.

Se este indivíduo não conseguir encontrar no outro o seu reflexo, a sua transcendência, este homem vê ameaçada a sua própria consciência, e a negação da

alteridade aparece como processo de destruição. A procura actual e ansiosa da diferença, aliada ao drama do homem perdido na multidão, sem sentido, e sem destino, no centro da burocracia, reduzida a uma peça de uma máquina programada por outros, tem conduzido a diferentes modalidades de solidariedade, e a formas de associabilidade extremas. A própria cultura moderna lança sobre os indivíduos massificados a responsabilidade exclusiva da sua vida. Sem perspectiva de transcendência os indivíduos dificilmente se associam em projectos comuns, pois foram perdendo a vontade de lutar por algo que mereça a pena, além dos interesses imediatos da natureza quotidiana. A grande questão que se levanta, é a de que se o mundo não tem sentido, então perde-se a esperança, e que se os outros aparecem como distantes e ameaçadores, então o espírito é o de destruição.

Se a dignidade humana é desvalorizada e desrespeitada, a esperança desaparece e a solidariedade perde o seu conteúdo, mas o desejo ilimitado de conhecimento, em que o controlo adquirido sobre a natureza, não consegue conter as suas próprias forças, e em que o utilitarismo que inspira a sociedade, oferece uma felicidade que não sacia as crescentes aspirações. O consumismo desenfreado, centro base da modernidade cria a possibilidade de desenvolvimento mas leva também o indivíduo a entrar num mundo de incertezas, agressões e violência. Um sentimento de confusão, angústia e ódio parece ameaçar invadir o mundo actual.

A violência de outrora era sacrificial, fundadora de algo, a actual é permanente gratuita e mortífera. Toda a transformação profunda da cultura origina feitos contraditórios, pois, por um lado leva á procura de novas representações e de soluções, por outro lado, leva as pessoas ao cepticismo e á desilusão.

Este trabalho não procura fazer uma descrição exaustiva de teorias e autores, mas apenas uma breve

referência e reflexão de algumas questões que se tornaram vitais para a humanidade neste fim de século.

É urgente pensar e reflectir sobre o que o homem pode fazer, ou procurar fazer para manter viva a sua existência psicológica e não se tornar um alienado, um ser errante da sua sociedade, com um objectivo central que seria a procura de qualquer coisa que preencha o seu vazio.

É neste sentido, que a ideia deste trabalho surgiu. Um olhar sobre o homem, sobre a sua crise e os suas tentativas de mudança. Esse “homem” que nos chega a pedir ajuda para o seu “filho”, perdido, num emaralhado de regras, normas, exigências, face às quais é difícil crescer, e com as quais os próprios adultos têm dificuldade de enfrentar muitas vezes pelo medo de um futuro incerto, não controlável e muitas vezes não imaginável.

O nosso trabalho exploratório subdivide-se em duas grandes partes. Numa primeira parte, procuramos trabalhar teoricamente algumas ideias centrais sobre a existência e transcendência do homem neste mundo em mudança e em evolução. Para isso, iremos falar de alguns conceitos que achamos pertinente, e sobre os quais recai a nossa reflexão.

Estamos a falar do conceito de Imortalidade Simbólica definido por J. Lifton (1972). Este conceito pode-se exprimir de várias formas tendo em consideração os indivíduos e a sociedade. A perturbação deste sentimento ou desejo de Imortalidade

Simbólica está relacionado com a possível destruição da humanidade pela acção do homem, revestindo-se de diversas formas: a forma Biológica - expressa através dos laços biológicos e familiares; a forma Criativa - que se estabeleceria através da invenção e da produção; a Religiosa, a Natural e a Experiencial que ultrapassa o próprio conceito de morte. Este desejo relaciona-se com a ansiedade provocada pela própria perspectiva de morte.

O homem tem um conhecimento antecipado do seu desaparecimento, do seu aniquilamento físico e individual. Para atenuar o desespero frente à destruição e ao perigo, o homem serve-se de uma actividade e de uma produção socializada, e deste modo o desejo de Imortalidade Simbólica, aparece como produto material ou simbólico, independente do sujeito, transmissível a um grupo humano institucionalizado, que o reconheça como pertencendo-lhe e preservando-o, permitindo, assim, a manifestação e a continuidade de todas as formas de agrupamentos humanos institucionalizados - desejo de perpetuação através dos grupos sociais a que o homem sente pertencer, traduzindo assim, o desejo que o homem tem, de existir o maior tempo possível nas esferas que o envolvem: social, familiar, profissional, etc.

As representações mentais de vida e de morte, possibilitam, e ao mesmo tempo contribuem para o reinvestimento dos indivíduos na própria vida e na sociedade, o que nos leva a pensar que estas noções de imortalidade simbólica podem ser úteis quando usadas em contextos como a educação dos valores individuais e sociais, no processo de individuação e crescimento pessoal do indivíduo, na aprendizagem de formas de enfrentar os medos mais terríveis, como o medo de morte.

Como a face contrária à vida é a própria morte, o conceito de Ansiedade Perante a Morte deve ser também analisado. Fazendo parte da vida e manifestando-se em muitas situações, ou sendo evocada segundo muitas condições, a fuga da morte torna-se evidente, quando ela é tão constante e presente, nomeadamente no desejo de Imortalidade Simbólica.

Em jogo está o adormecimento psíquico do homem, o desinvestimento nesse futuro, que se torna improvável e não imaginado, e quando atinge a sociedade leva-a ao marasmo, a perda da razão de viver, à destruição.

Estes conceitos, complexos por si só, reflectem no entanto, as preocupações actuais sobre o homem e a sua existência Psicológica.

Na segunda parte deste trabalho, realizamos um pequeno estudo exploratório, numa pequena amostra de jovens adultos universitários, jovens que vivem num mundo em mudança, onde as condições de existência são postos em causa por um futuro incerto.

A esta amostra foram aplicados duas escalas, a Escala de Imortalidade Simbólica e a Escala de Ansiedade perante a Morte. Os dados foram trabalhados e analisados, procurando encontrar possíveis relações entre os vários conceitos e também o seu significado. Observamos, que os sujeitos desta pequena amostra estão bastante conscientes das dimensões em estudo, reflectindo a sua preocupação na procura de um sentido para a existência da humanidade.

1. Maturidade e Futuro

Na sociedade ocidental a noção de tempo para o homem parece ter sido sempre direccionado para o futuro, representado por projectos ou expectativas de algo, e também para o passado, representado pelo antigo e pelo romantismo. No entanto, raramente é dirigido ao presente.

Esta sobrevalorização do futuro, é uma das realizações da Sociedade Tecnológica Industrial, pois a motivação dos indivíduos para passar à acção através da construção é uma imagem de futuro (próximo ou longe), num mundo ou num ambiente, onde essa acção toma corpo e onde o contraste com a imagem do presente cria uma força motivada que permite passar de um tempo para outro (Moles, 1981). Contudo, se a imagem que o indivíduo tem do futuro é carregada de incertezas e percebida demasiado longe, se está deteriorada ou até se a força motivadora é falível, então a motivação global é ela própria falível, e o ser humano matem-se inerte abandonando-se às circunstâncias,

Moles (1981), considera que esta força de tensão dirigida para o futuro é uma característica intrínseca dos indivíduos e variável de um período de desenvolvimento para outro, constituindo a sua coerência e ao mesmo tempo o seu aspecto mais pragmático. A noção de projecto vital, é essencial para a conclusão da adolescência e o começar a idade adulta, aparecendo como estabelecendo uma oposição à noção de que o indivíduo é um ser passivo, objecto de modificações do ambiente responsável pelo destino deste ser, portanto exterior a ele, que apenas reage. Neste sentido, a imagem de

futuro que faz parte do presente implica então a “expectativa” de que as imagens do mesmo se realizassem (talvez por intervenção divina).

Esperar, é então um dos valores fundamentais ligados ao tempo social das sociedades, como se fosse um modo de vida, ao qual se reduz a energia vital do indivíduo. Muitas destas “esperas” são positivas - o prazer incerto de se vir a completar algo. Contudo, é muito comum que a produção social desta “espera” que é universal, se vá projectando de uma realização parcial sobre outra, acabando por preencher o tempo como uma colecção de várias “esperas”, dispersas, entrelaçadas umas nas outras, incluindo-se indefinidamente numa hierarquia de actos e de realizações parciais, que se ligam ao mundo da acção.

Isto está presente na ideia de que o futuro comporta simultaneamente duas situações contrárias: o desenvolvimento do mundo, processo necessário ao desenvolvimento da humanidade, e a possibilidade do seu próprio aniquilamento. Entre estas duas situações existem inúmeras combinações, misturas, justaposições de progressões e regressões. Esta dupla dimensão é encontrada no Sec. XX, e na perspectiva de Morin (1981), no progressivo e aparente linear do desenvolvimento tecnico-científico, económico, industrial, consumista, etc. (aspecto contínuo, construtivo), e nos fenómenos de destruição, representados pelas várias guerras mundiais, que provocaram uma mortalidade elevada, as destruições ecológicas, etc., as diversas crises (culturais, de emancipação do homem, económicas, ideológicas, etc.):

Estes são os aspectos que já foram futuro e são agora presente e passado. As crises implicam rupturas num sistema que à partida seria estável mas que é percebido

como algo cheio de incertezas e que se manifesta através da transformação das complementaridades em antagonismos, do desenvolvimento acelerado das tendências que constituem processos destruturantes e desintegrantes, e portanto incontrolados. Deixou de ser um acidente na sociedade para passar a ser o modo de ser da mesma - a crise tornou-se a forma do desenvolvimento (Morin, 1981).

O desenvolvimento tornou-se inseparável da destruição/transformação, e portanto o processo desorganizador/reorganizador da própria humanidade, é então de carácter críscico.

Por exemplo, pode-se observar nas sociedades ocidentais, que a crise da civilização, cultural, de valores, da família, do estado, da vida urbana/rural, etc., são aspectos da própria crise das sociedades, ameaçadas por ela, mas sem a qual não podem viver. O processo ocasiona regressão, desenvolvimento, subdesenvolvimento, e todo este processo é parcial, local, provisório, produzindo degradação e desorganização, ou seja, retrocesso.

A humanidade tornou-se neste último século, uma comunidade de destino incerto, e que na opinião de Morin (1981), “forjada em e por duas guerras mundiais, se transformou depois de Hiroxima numa comunidade de vida ou de morte”. E a ameaça do aniquilamento, vai-se tornado consciente nas mentes dos indivíduos de forma cada vez mais concreta, embora ainda na pré-história do espírito humano. Cada indivíduo investe numa pluralidade de vidas (a sua, a dos outros, a da sociedade, da humanidade, etc.. cada um vive para conservar o passado vivo, viver o presente, dar vida ao futuro, dedicando-se ao presente e ao futuro, sem saber calcular que parte de cada deve

consumir ou investir, constituindo isto um verdadeiro problema de investir bem no presente, para que o futuro possa ser melhor. Mas é uma ilusão pensarmos que se conhece o presente só porque se está presente nele, daí que a primeira dificuldade que se sente em pensar sobre o futuro, está em pensar o presente, tal como também não bastaria pensar correctamente o presente para ser capaz de prever o futuro. Este antes de chegar já está presente e ao mesmo tempo ausente, constituindo uma mistura desconhecida entre o previsível e o imprevisível, e no entanto, é indispensável, pois permitirá seleccionar acções, interacções e retroacções que constituem o momento presente.

Também o conhecimento do passado está subordinado ao presente (que por sua vez está subordinado ao futuro), o que permite ao presente ter um conhecimento mais concreto e uma maior projecção do futuro.

E como lida o homem com esta sucessão temporal? A ansiedade e os problemas dos indivíduos na época actual, representam um papel fundamental neste passar do tempo, e muitas vezes constituem uma desculpa para esquecer as catástrofes presentes e ameaças futuras, fugindo do viver com insegurança, tornando de alguma forma estranho o relacionamento do homem com a realidade exterior. Uma das características do homem é o poder colocar-se fora do momento presente e projectar-se no futuro, ou no passado, e esta capacidade permite também ao homem ter consciência de si mesmo. O seu tempo depende da importância dos acontecimentos, do significado das experiências, onde a memória joga um papel fundamental, guardiã do passado e ligando-o ao presente, e talvez por isso grande parte da ansiedade e do homem actual tenha “origem” em algo mais profundo que a guerra iminente ou a bomba atómica, pois o tempo sempre teve o poder de amedrontar o ser humano, em qualquer época (May, S/D).

"O que as pessoas temem na passagem do tempo, é o medo de envelhecer. Será que o auge do individualismo passa por este problema, fazendo o homem não querer consciencializar os perigos, as ameaças de uma destruição que ultrapassa o ser individual?" C. Yung (at in May, S/D), referiu que aquilo que as pessoas temem, é envelhecer porque deixam de viver no presente, e assim, a melhor forma de evitar a ansiedade em relação à velhice é viver plenamente no momento presente, ou então afastar-se do presente, usando o passado e o futuro como fuga. Por exemplo, é o caso da religião, e da crença de que "os males presentes" encontrarão compensação no céu onde as recompensas e as punições serão distribuídas" (May, S/D).

Parece então, que o homem necessita de se relacionar construtivamente com a sua vida e para isso precisa de aprender a viver a realidade no momento presente, pois ao nível psicológico o homem só dispõe desse presente. O passado tem significado fazendo parte do presente, onde alguém pensa sobre o mesmo ou é influenciado por ele. O presente é iluminado pelo passado e torna-se mais rico e profundo pelo futuro.

Não podemos esquecer, no entanto, que é o conceito de morte que constitui a principal experiência do tempo presente. Esta leva o homem a perceber a sua existência como eterna, porque a mesma não é explicada pela duração do tempo, mas pela essência a partir da qual o indivíduo toma as suas próprias decisões com liberdade e responsabilidade, coincidentemente e de acordo com o seu carácter pessoal e singular.

Talvez a questão fundamental da existência humana, seja a de que forma é que o indivíduo a partir da percepção de si e do período em que vive, é capaz de atingir a liberdade interior e viver com integridade, deixando de ser apenas parte não livre e não

pensante da massa humana, produto de uma sociedade conformista e automática.

Talvez então, agora possamos perguntar o que significa ser adulto, maduro, na verdadeira ascensão da palavra. Será que o ser humano atinge esse estágio? Para Weill (1994), o homem só é maduro quando ele é plenamente consciente. Talvez por isso, a sua angústia, a sua ansiedade seja por se sentir incompleto, numa procura vital da sua própria identidade. A maturidade pode ser vista de duas formas, na perspectiva de P. Weill (1994); a maturidade relativa - que caracteriza o homem na sociedade moderna, aquele que atingiu um certo estágio, que exerce uma profissão ou frequenta um curso superior, etc.; e a maturidade absoluta - a maturidade que vai para além da lógica, do ^{sublimar} sublinhar as energias vitais, para além da função intelectual. O homem actual vive em plena maturidade relativa, virado para o seu intelecto, para os seus instintos e emoções, fechado no seu mundo individual, e recusando-se a olhar para a vida exterior, do mundo que o envolve e para o qual também as suas acções contribuem para a sua destruição. O homem ao longo da história criou um mundo dual onde se encerrou, recusando ver o mundo como totalidade.

Esta separação leva o indivíduo a experimentar um duplo sentimento - o prazer de se ver separado do objecto, leva-o a procurar estar junto a ele. Este estar junto leva ao medo de perder esse mesmo objecto.

E isto é o problema central da humanidade que ainda não atingiu a maturidade absoluta, na ideia de Weill (1994).

Considera também que este medo é o ponto central na existência do homem. Medo implica ansiedade, que em último reduto afecta o organismo, que adocece e que

entra em sofrimento. Este estado "reforça o sentimento de separação, constituindo um ciclo vicioso, que se repete e que constitui a chamada "Roda da destruição" e que leva à destruição do próprio planeta" (Weill, 1994, pag. 12). Este processo é descrito por Weill (1994), da seguinte forma: "o homem repete constantemente o seu círculo de existência, e isso vai desorganizar a própria sociedade, através de um consenso dualista que aparece como sistema de valores, e que é caracterizado por leis impróprias, pela repressão dos grandes valores da humanidade, como por exemplo, a beleza, a verdade, o amor, e que levou o mundo à violência, à competição e à guerra".

Por sua vez esta sociedade desajustada vai reforçar a desarmonia dos próprios homens através da educação, das emoções, etc., e ao mesmo tempo destrói a própria natureza, pela poluição, pelo fogo, pela destruição da vida dos ecossistemas, na programação genética e nuclear.

É cíclico porque a destruição da vida ameaça a vida do próprio homem e conseqüentemente a sua identidade nas suas vertentes pessoal e social, interrelacionadas e interdependentes, numa época socio-histórica determinada. Na concepção de Logan (1983/86, cit in Costa, E - "contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade"), as mudanças socioculturais, que ao longo dos anos têm alterado e provocado mudanças radicais nos estilos de vida dos indivíduos em sociedade, estão na base desta ameaça. As sociedades contemporâneas dominadas pela produção e trabalho, passaram a hipervalorizar o prazer e a necessidade de satisfação actual. Observando-se que na essência da identidade o apoio social para a acção diminui significativamente na formação dos jovens, uma vez que há um menor envolvimento na produção e uma maior tendência ao consumo. Também parece ter diminuído a importância do sentido de

continuidade e da história; o indivíduo hoje parece valorizar mais a sua própria existência e o presente em detrimento do passado e do futuro. A valorização do imediato e, do presente transformou o indivíduo construtor em consumidor, o que contraria o movimento impregnado na própria história, que direcciona o homem para o futuro.

Logan (1986), valoriza diferencialmente a importância dos estádios anteriores, para o desenvolvimento de outros posteriores. Considera portanto que os estádios da idade adulta não são mais do que a recapitulação dos da infância e da adolescência.

Marcia (1986, cit in Costa, E - "contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade"), considera por seu lado que, a construção da identidade é definida pela presença e ausência de determinados períodos, que denomina de exploração ou crise, assim como de determinados investimentos que o indivíduo faz em diferentes áreas: profissional, ideológica (quer política, quer religiosa), e interpessoal/sexual (atitudes sobre os papéis sexuais e participação em relações sexuais).

Nestes períodos de crise, predomina o questionar forte e activo, de modo a permitir tomar decisões e atingir objectivos. Neste momento, o indivíduo inicia uma actividade no sentido de recolher informação sobre o que está sendo considerado e que é necessário para tomar as suas decisões; conjuntamente procura conhecer suficientemente os conteúdos das suas opções e das suas ramificações. Todo este período é descrito por Márcia (1986), da seguinte forma: Existem 3 grandes momentos que caracterizam a crise; um dos momentos, é o de exploração: nesta altura o indivíduo sente necessidade de trabalhar determinadas questões que dizem respeito à sua identidade, com o objectivo de tomar decisões, empenhando-se por isso, na análise das várias alternativas, tomando

consciência do seu conteúdo e implicações. Esta situação pode originar no entanto, uma certa sensação de desconforto, de experienciar uma indefinição dos objectivos e valores, o que lhe provoca sentimentos de frustração, intolerância, ambiguidade e ansiedade, situação que é variável de indivíduo para indivíduo.

Perante este desconforto, há uma necessidade eminente de reagir. No entanto, a escolha a fazer nem sempre é viável, não permitindo encontrar respostas, e então surge a desistência.

Num segundo momento, chamado de pós-exploração ; o indivíduo já passou por uma fase de valorização activa dos seus elementos da identidade, que ultrapassou com sucesso, e emergiu com um firme sentido de direcção para o futuro, ou com insucesso, se a tarefa foi abandonada sem ter atingido uma conclusão significativa.

Um terceiro momento, designado por ausência de exploração significa que o indivíduo não sente necessidade de escolher objectivos, crenças, valores ou alternativas, que foram já definidos por outrém e incondicionalmente aceites, talvez por falta de estímulos que permitam ir ao encontro desses outros.

Waterman et al.(cit in Costa, E - “contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade”) por seu lado, define que estas crises podem ser de 3 tipos: Um primeiro tipo, que se designa por crises primárias, significando que estamos perante crises que envolvem uma reavaliação directa dos elementos da identidade; um segundo tipo, crises secundárias, que implicam já uma reflexão sobre os caminhos alternativos para a expressão ou implementação de elementos particulares da identidade, embora não sejam postos em causa ; e um terceiro tipo, as crises emocionais, que representam uma reacção

a qualquer situação ansiogénica ou de perda.

Um investimento implica sempre escolhas relativamente firmes de elementos da identidade, assim como acções dirigidas para a implementação dessas escolhas interna ou externamente. É necessário também que a influência dos outros sobre o indivíduo exista, assim como uma preparação para que os futuros papéis sejam consistentes, com objectivos e valores anteriormente definidos. Tudo isto não se refere só ao momento presente, mas fornece um mecanismo de integração do passado com o presente, e do presente com o futuro, o que significa que os elementos da identidade tem um sentido de continuidade e projecção no futuro.

Para alguns autores, nomeadamente Erikson (1963), o período da adolescência é como o marco para o desenvolvimento da identidade e do sentido temporal. No entanto, reconhecem que o processo se inicia antes da adolescência, e não termina com o início da idade adulta. A idade influencia a quantidade de tempo necessário para o indivíduo explorar o passado ou antecipar o futuro, pois as pressões sociais são diferentes de idade para idade. Por exemplo, na maioria das situações, os adolescentes vivem com os pais e as expectativas parentais têm influência no seu pensamento, o estarem em conformidade com os padrões dos pares, a distância que na maioria das vezes existe entre as tomadas de decisão e as possibilidades de acção, a consciência das limitações que surgem quando levam a cabo as suas acções, são outras formas de pressão sobre o jovem.

Comparativamente, os jovens, em especial os que já frequentam a Universidade, encontram-se num período onde a exploração é facilitada, sendo confrontados com diferentes alternativas e objectivos de carreira, sistema de valores, estilos de vida. A

experimentação é encorajada e o apoio social frequente.

Para além de que, um outro personagem ganha importância na vida destes jovens - o papel e função do(a) namorado(a). Para este tempo a experiência subjectiva de fazer investimento é diferente - um pequeno passo leva-os á confrontação com o mundo real, havendo uma necessidade presente de exploração e de escolha de certezas e estabilidade.

Os adultos pelo seu lado preocupam-se com as consequências das escolhas que já realizaram. Adquirem uma independência emocional e financeira, onde as expectativas e as pressões sociais jogam um papel novamente diferente, pois se os adultos são mais independentes, também têm outras responsabilidades, factores que poderão jogar a favor ou contra as mudanças.

Sempre que o desenvolvimento ocorre, existem mudanças, embora nem todas as mudanças signifiquem desenvolvimento.

Para que este exista é necessário que as mudanças sejam sistematicamente organizada, universais e tenham um carácter sucessivo temporariamente, inserido num contexto onde ocorrem outras mudanças. Assim, a identidade poderia ser vista como uma estrutura em contínua mudança, onde o meio em que o indivíduo se insere, teria uma função decisiva no seu desenvolvimento, logo as diferenças intra e interindividuais seriam determinadas e determinariam diferentes condições do próprio ambiente.

Este meio torna possível ao indivíduo desenvolver um conjunto de valores, atitudes, representações, o que lhe permite reagir de um modo favorável ás situações sociais que enfrenta. Isto permite-lhe construir e estabelecer uma série de relações identificatórias ao seu grupo de pertença e na diferenciação relativamente a outros

grupos. Assim, o conceito de identidade social aparece-nos como fundamental e pode ser definido como constituindo o conhecimento ou a consciência por parte de cada indivíduo, de que pertence a certos grupos sociais, situação que é investida emocional e valorizativa por parte dos próprios indivíduos.

A identidade deve ser considerada num contexto relacional, ou seja, no seio da pluralidade das relações que os jovens estabelecem com os seus meios sociais e com os membros das outras gerações; e também na sua dimensão social, que convoca referenciais colectivos, veiculando a continuidade entre a identidade pessoal e colectiva.

A juventude, tem sido observada como um período que constitui um processo social de transição, que decorre entre o final da adolescência e o início da condição adulta, adquirida com a autonomização em relação à família de origem, nomeadamente pela entrada na vida activa e conjugal (o intervalo dos 15 aos 29 anos, deve ser aceite como uma faixa etária que integra uma pluralidade de combinações diferentes ao nível da construção e estabelecimento da própria identidade). Nas sociedades contemporâneas, as profundas alterações da estrutura produtiva e do sistema escolar implicaram o prolongamento da condição juvenil e consequentemente um aumento dos tempos e dos modos de vida dos jovens.

Costa (1990), refere a partir dos seus trabalhos (Costa, Idalina; *Identidade Nacional e Social dos Jovens*, in *Análise Social*, XXV, 1990), sobre a identidade nacional dos jovens, que a juventude não possui uma representação unitária de si mesmos, mas que essa consciencialização progride ao longo do processo de maturação etária, intelectual, profissional e conjugal. As grandes diferenças entre gerações residem

prioritariamente nas diferentes maneiras de encarar a vida, visando o domínio dos valores, interesses, expectativas e projectos, estilos e estratégias, que constituem em si mesmos a explicitação dos sistemas e condições no espaço social. Isto porque para os jovens, uma geração define-se essencialmente pela existência de um perfil sociocultural. A percepção deste perfil e a tomada de consciência de que a idade está associada a determinadas condições, estatutos e valores sociais, aumenta com o próprio crescimento etário e grau de instrução. É notório no entanto, uma certa aproximação aos valores e condições das gerações mais velhas. Os jovens por sua vez, recusam uma imagem juvenil veiculada em concepções adultas que os caracterizam pela indisciplina e irresponsabilidade, desinteresse profissional e escolar, pouca importância atribuída ao dinheiro e bens materiais, assim como as questões políticas e religiosas. Os jovens projectam atributos na sua juventude que desejam atingir na idade adulta, e daí talvez isso justifique a disponibilidade dos jovens para aceitarem a proximidade com as outras gerações em domínios da existência social - existem portanto, traços do estatuto do adulto que são antecipadamente incorporados no perfil juvenil. Para Vala (1985), a juventude cumpre uma etapa de desenvolvimento marcada pela exterioridade e distanciamento em relação ao mundo adulto, propondo uma cultura específica e nova e por oposição à dominante, portadora de novos valores, mas com uma ligação íntima com os valores da geração anterior, existindo uma certa continuidade entre o já instituído e o que virá a ser.

Chamboredon, 1983 (cit in Costa, 1990), considera que a figura do jovem adulto parece mostrar que a identificação dos jovens com o universo do adulto, não existe

apenas num plano intersubjectivo, mas também, e já um plano material e

objectivo, embora o período da pós-adolescência nas sociedades contemporâneas, ainda seja caracterizado pela presença prolongada dos pais na vida dos jovens, com o alongamento do período escolar e retardamento da entrada na vida activa.

Isto produz uma desconexão das diferentes maturidades (profissional, matrimonial e intelectual), que antigamente se adquiriam numa única etapa ou idade da juventude. A pós-adolescência no entender de Costa (1990), é caracterizada actualmente como um estágio de moratória, ou seja, a juventude é um segmento de transição, constituindo-se como um lugar social que é sujeito a complexas sobreposições dotadas de uma indefinição estatutária. Os adultos em certos aspectos permanecem jovens relativamente a outros e o próprio aspecto de jovem adulto é cristalizado embora com suficiente plasticidade para fazer oscilar as fronteiras tradicionais entre gerações. Mas os jovens adultos debatem-se com uma série de problemas, como por exemplo: o prolongamento do período escolar que produziu uma formação académica e cultural superior, em relação aos pais. Uma experiência social mais precoce direccionada para a crise económica, por via do desemprego; o contacto precoce com as diferentes instâncias de informação, de socialização, influenciadas pela cultura, pela ciência e a técnica, etc.

Costa (1990), constatou que esta dupla dimensão da figura do jovem adulto torna-se visível na fase pós-ensino secundário (entre os 18 e os 20), tempo de mudança para a condição de adulto, onde o jovem sente as dificuldades de emprego e de acesso à carreira universitária.

Novamente Chamboredon (1983), defende que o prolongamento da adolescência é um simples efeito do prolongamento da existência, no sentido, em que este

prolongamento é também do período da coexistência entre gerações e a persistência de certos modelos de identificação.

Contudo, estes prolongamentos relacionam-se com uma outra situação, talvez digna de preocupação, que é a ideia de "retardamento" ou de "adiamento" da ascensão a atributos que definem o conceito de maturidade. Não de maioridade civil ou penal, mas de maturidade interna, consciente, a individuação do outro, das relações de objecto - " a dificuldade de ascender à etapa do "homem maduro" (Weil, 1994).

Também o conceito de "ciclo de vida" associa, ele próprio as fases da existência com os recursos económicos e comportamentos sociais, em função das próprias instituições, que dividem e organizam o desenrolar das idades.

A multiplicidade, a desconexão dos diferentes momentos de entrada na vida ou de acesso à maturidade, caracterizam as diferentes idades e os seus atributos, cuja composição e combinação não são estáveis do ponto de vista histórico e social.

Muitos dos atributos vão perdendo o seu valor banalizando-se como rituais de passagem de uma idade a outra.

Mas esta banalização é caracterizada por dois caminhos diferentes. Por um lado, o caminho económico da generalização do consumo que conduz à perda de valor. Por outro lado, o caminho, em que se atinge uma certa latência - a latência social, profissional. Este período de latência, é designado pelo tempo, em que o indivíduo se forma e o momento de acesso regular à profissão. E este tempo é influenciado pelo nível de aspiração e de formação dos próprios indivíduos. Mas o prolongamento das situações de indefinição, levam ao perigo de que o aparecimento de períodos demasiado longos e

extensos.

A este nível, entra novamente a família que cumpre ou não, as funções de apoio das aspirações e ajustamento ao mercado de trabalho, o que de algum modo, valoriza socialmente a família actual, aquela que foi perdendo o seu poder e estatuto, por não preencher as novas necessidades dos seus próprios membros, nem acompanhar a mudança. A família que hoje conhecemos na sua estrutura, na sua dinâmica e enquanto projecto cultural, é uma família incerta (Roussel, 1989, cit. in Esteves, 1991). Nos últimos tempos, a família tem assumido uma crescente forma atípica, cujo significado se ramifica quer na política social, quer na habitacional, e que a forma mais comum é a monoparental. Este aspecto está intimamente relacionado com um outro, que é o da substituição das gerações. Este aspecto constitui uma preocupação em termos sociais ganhando contornos psicoculturais. A família tornou-se ineficaz e isso teve um significado crítico para o futuro da sobrevivência da humanidade. Esta situação também não beneficia com a tal ideia de prolongamento das fases de adolescência e de retardamento da entrada na vida activa.

Os jovens adultos encontram na sociedade um espelho reflector, um eco, para as suas dificuldades para a mudança, para os seus conflitos identificatórios. Do mesmo modo que nos confrontamos com a adolescência interminável, também observamos que os próprios adultos tendem por sua vez a prolongá-la. Por exemplo, na nossa sociedade, as suas memórias, a sua nostalgia do seu período jovem, exprime-se muitas vezes através do vestuário que adoptam; da identificação que fazem aos próprios jovens, como se invertessem a ordem das gerações e procuram viver as suas experiências, tornando-se vigilantes de uma sexualidade que não puderam realizar no tempo da sua juventude,

(Lebovici, 1983).

Isto pode dever-se ao facto de este período, ser novamente um período de transição caracterizado por uma nova fase de latência, á semelhança da anterior fase de latência (na designação do desenvolvimento psico-sexual de Freud). No jovem adulto, as realizações sociais e sexuais, deveriam ser uma preparação e uma aprendizagem da maturidade. Este período de latência traduz-se no jovem, pelo silêncio profundo da sua vida psíquica, permitindo-lhe escapar da tomada de consciência da luta pela vida e pela morte, que travaram com as suas forças psíquicas. Na ideia de Serge Lebovici (1983), a dependência (demora) no jovem adulto poder ser considerada como um sistema defensivo, protector, de entrada na vida adulta, e o confronto com os conflitos característicos do homem maduro.

Será então legítimo perguntar, o que é preciso fazer? Que mudança introduzir?

Esta é uma questão fundamental e necessária à preservação da vida psíquica e física do homem e do mundo que o rodeia.

Ainda segundo, a abordagem de P. Weill (1994) a resposta só poderá ser encontrada ao nível individual, pois “o homem tem de se vivenciar não como fora, mas como dentro da natureza e como tendo a natureza dentro dele. Tem de experienciar a totalidade, num circulo de evolução individual e de maturidade.

Os valores que estão ligados à experiência “essencial” do ser humano são os verdadeiros valores da humanidade. A ausência e a repressão desses valores provoca

incompreensão e doença.

Os valores e a sua mudança parecem ser o centro de interesse e a proposta de vários cientistas, investigadores, intelectuais, pessoas que se preocupam com estas questões, de interesse mundial.

Hoje em dia procuram-se valores que sejam capazes de expressar uma nova filosofia de vida, e num mundo em transição, é válido pensar que a mudança se faça também, senão essencialmente pela educação. Educar com novos valores.

Um mundo que necessita urgentemente de mudar, terá de se esvaziar das ideias e normas vigentes, das formas de pensar que dominam, e acentuar-se-à a novidade do desconhecido, reavaliando os valores, visto estamos a entrar num período histórico caracterizado pela existência de novas referências ideológicas, transformação de um mundo de realidades parciais num mundo de realidades globais, o que implicará pensarmos como se irão formar os processos de identidade individual e sócio cultural, e como se interligarão as diferentes realidades.

2. Os Limites Psicológicos do Homem

No nosso tempo, quando aprofundamos os motivos de perturbação do indivíduo, encontramos situações como: a ameaça de guerra, a instabilidade económica, a destruição ecológica, etc., e também encontramos conflitos básicos, cujos sintomas são a infelicidade, a incapacidade para tomar decisões em relação ao casamento, carreira, constituição de família, desespero generalizado, solidão, angústia etc. O problema central

do homem parece ser então, "o vazio". Na ideia de May (S/D), significa que o homem não sabe o que quer, nem o que sente realmente, e quase que se limita a repetir os desejos e expectativas dos outros. Além de que, o confronto com uma época de incertezas, guerras, transformações económicas sob um futuro incerto, aumenta ou reforçará talvez, este sentimento de vazio ou insatisfação, embora isso não seja o suficiente para o explicar na sua totalidade.

Parece no entanto ser uma certeza de que, o ser humano não é capaz de viver muito tempo no vazio, pois se não evoluir na direcção de algo, acaba por transformar as suas potencialidades em sentimentos mórbidos que vão na direcção do desespero total e de actividades destrutivas.

Do ponto de vista psicológico, esta sensação de vazio observada ao nível social e individual não significa que os indivíduos são vazios ou desprovidos de potencialidades emocionais, mas sim, que se sentem incapazes de fazer algo que seja eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. É o resultado acumulado, a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade única, de dirigir a própria vida e até de poder modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo, ou até exercer alguma influência sobre o mundo que nos rodeia. A apatia e a falta de emoções são defesas contra a ansiedade, quando alguém se confronta sistematicamente com um perigo que é incapaz de ultrapassar e vencer.

Erich Fromm (at in May, R, S/D), considerou nas suas reflexões que os indivíduos nas últimas décadas, progressivamente deixaram de viver sob a autoridade da igreja ou das leis morais, submetendo-se no entanto, a autoridades anónimas, como por exemplo,

a opinião pública. Esta é constituída pelos próprios indivíduos, mas é desprovida de centros individuais, e este vazio é colectivo. Os resultados de toda esta situação levam o homem no caminho da redução e empobrecimento psicológico e até à sujeição a uma autoridade destrutiva.

Paralelamente à apatia e os problemas emocionais, outra característica do homem moderno, é a solidão. Esta é descrita por May (S/D), como o sentimento de "estar por fora", "alienado", é uma ameaça embora não violenta, mas penosa, para os indivíduos que não conseguem vislumbrar os valores positivos do isolamento. A sensação de vazio e a solidão estão estreitamente relacionadas, por exemplo, quando o indivíduo não sabe o que deseja e o que sente; quando se está inserido numa época de grandes mudanças, onde as ambições e metas convencionais não proporcionam segurança e orientação, quando se sente um vácuo íntimo sempre que se encontra perante a confusão externa das alterações da própria sociedade, então sente-se em perigo e a sua reacção natural é procurar outras pessoas, procurando fugir da sua própria ansiedade.

A título de exemplo, Rolo May, (S/D) refere que "quando explodiu a primeira bomba atómica em Hiroxima, a ansiedade apoderou-se de todos os indivíduos, pois pressentiram o perigo e a reacção foi a de uma súbita e profunda solidão" A sensação de isolamento ocorre quando o indivíduo se sente vazio ou amedrontado e a necessidade básica de proximidade em relação aos outros não é apenas um desejo de preencher o vazio interior, mas sim porque a sua primeira experiência do self é obtida no relacionamento com os outros indivíduos e quando está sozinho, o seu medo básico é o de perder esta experiência.

Isto, talvez porque o homem, ser biopsicossocial, depende dos outros seres humanos para a sua segurança , e adquire uma autoconsciência, que é a base da sua capacidade para se orientar. Por isso parte do isolamento resulta da necessidade que o homem tem de se relacionar com os outros para se orientar, e além disso, a sociedade valoriza muito a aceitação social, por isso o homem tem de estar sempre a provar que é um êxito social, pelo que assim será sempre aceite e nunca estará só.

O homem moderno tem um grande medo de ficar só. Este medo deriva da grande ansiedade que os seres têm de perder a consciência de si mesmos, de se sentirem perdidos, despojados dos seus próprios limites. Grande parte do sentido da realidade é adquirido a partir daquilo que os indivíduos dizem e pensam a respeito uns dos outros, mas esta situação atingiu tal dependência que acabou provocando medo nos indivíduos que sentem que se esta desaparecesse, perderiam o sentido da sua própria existência e perder-se-iam.

Assim parece fundamental para a própria existência do indivíduo, aquilo que os outros pensam dele, o que leva o indivíduo a procurar esconder parte de si próprio, "as qualidades más", e mostrar apenas "as qualidades boas".

Estamos a falar da "sombra". Conceito introduzido por C. Yung (1932), e que significa, o campo onde se despejam todas as características da personalidade que os indivíduos repudiam, aquele aspecto que não se vê, nem se conhece por oposição ao ego que representa o que o indivíduo é e o que sabe conscientemente de si próprio.

Tal como as coisas se separam entre "bem" e "mal", também o indivíduo divide a sua vida, pois culturalmente, os seres separam as suas características que são aceites pela

sociedade das que têm de ser postas de lado, caso contrário não haveriam comportamentos civilizados.

O grande problema está radicado nessa situação em que, estas características recusadas e não aceites, não desaparecem por si só, e vão-se amontoando nos cantos obscuros da personalidade. Depois do tempo necessário, tomam vida própria - a vida da sombra... (Johnson, S/D), área desprezada, mas possuindo um potencial energético semelhante ao do ego. Se por um acaso, acumular mais energia que o ego, entra em erupção sob a forma de uma irreprimível fúria ou de uma indiscrição, levando o indivíduo a entrar em depressão ou a ter um acidente que parece servir o seu propósito.

A civilização é um processo que selecciona as características que são consideradas perigosas para o funcionamento dos ideais humanos, e a cultura exige e só permite que os seres exteriorizem uma determinada parte da sua natureza, dividindo o indivíduo entre um ego e uma sombra, de modo a que os comportamentos sejam definidos e aceitáveis sendo uma estrutura artificialmente imposta, embora absoluta que leva o indivíduo a viver de uma determinada forma. Na ideia de Johnson (S/D) o homem actual é confrontado com o século mais criativo da história da humanidade, ao nível das tecnologias, das telecomunicações e das mudanças pessoais, nas facilidades de realizar serviços etc. Contudo, a sombra existe e aparece inevitavelmente como aborrecimento e solidão, quase por oposição àquilo que o homem conseguiu em termos de evolução - colocou-se a guerra e os problemas políticos em igualdade de circunstâncias com as visões utópicas de um "novo mundo". Desta forma a criatividade de sociedade moderna só pode ser mantida se o homem reconhecer a sombra que a acompanha, admitindo de um modo construtivo que esta é outra dimensão da realidade. Isto porque recusar este

lado obscuro da natureza humana é armazenar ou acumular obscuridade, que mais tarde se expressará em períodos de conflito, em doenças psicossomáticas ou em acidentes de inspiração inconsciente. " O que se nos apresenta para ser resolvido é como que a acumulação de toda uma sociedade que tem vindo adorando o lado da luz e recusando o lado obscuro, e este resíduo apresenta-se nas guerras, no caos económico, greves, intolerância racial (sombra colectiva)", (Johnson, S/D, traduzido e adaptado por Algedice Cunha, 1997).

A tendência que o homem tem de ver, a sombra como exterior a ele mesmo, é considerado o aspecto mais perigoso da psique moderna, e como exemplo disso, podemos lembrar as duas grandes guerras, que devastaram a natureza e o próprio homem, a ameaça da destruição e a destruição propriamente dita de tudo o que existe e que se tem construído, e que leva os investigadores a pensar e reflectir que não são os monstros exteriores do mundo que destroem, mas sim a sombra colectiva, para a qual cada indivíduo tem contribuído, sem ter consciência disso, projectando nos outros ou em algo. Parece que desde o principio da humanidade esta situação tem vindo a acontecer, com a sua mentalidade rígida, fechada, de domínio pela força, com valores enraizados na cultura de gerações, onde a sombra era projectada sobre o inimigo.

E hoje repetimos estas situações, onde os negócios, o cinema, a moda, os jornais, os romances, vão fornecendo locais fáceis para que o homem invista a sua sombra, e ao mesmo tempo alimentando a natureza exterior da sombra, em vez de permitir a sua incorporação como parte integral da própria personalidade. A projecção é sempre mais fácil do que a assimilação, e isso é constante no dia a dia dos seres, onde em cada grupo inconscientemente é designado um membro que vai vestir a capa de ovelha negra, com a

função de transportar o lado obscuro da comunidade.

Também nas relações pais/filhos, a sombra está presente, pelo que a sua acção é um entrave grande para o atingir da maturidade. Yung (1930), considerava que a maioria dos indivíduos, sofriam bastante para se livrarem da sombra projectada pelos pais, antes de poderem começar as suas próprias vidas de adultos e mesmo assim, não conseguiam na sua totalidade, repetindo mais tarde o mesmo com os seus próprios filhos. Quando um dos progenitores ou os dois, colocam a sua própria sombra sobre uma criança muito pequena, isso divide a criança interiormente iniciando uma luta entre o ego e a sombra está demasiado alargada (para além da sombra cultural que cada indivíduo transporta), tendo tendência a projectá-la posteriormente sobre os seus próprios filhos.

Deste modo vão-se repetindo de geração para geração os negrimes das vidas humanas acarretando grande ansiedade, pela não integração dos aspectos positivos e negativos da própria personalidade do indivíduo.

2.1. A Ansiedade e Morte

A ansiedade é outra das características do homem moderno. É considerada por muitos como o resultado de desastres económicos e políticos, das traumáticas mudanças ocorridas durante séculos nas sociedades.

A ansiedade pessoal, comum a toda a sociedade, pode ser vista como uma confusão e conflito, acerca dos objectivos e valores do homem contemporâneo. Mas conflito, significa crise, ou mudança, o que significa que é possível arranjar uma solução

construtiva, o que nos indica que as perturbações do presente são ao mesmo tempo catástrofes e possibilidades novas para o futuro. No entanto, não é simples arranjar soluções, pois a ansiedade não é perceptível nem materializável em situações concretas, é antes um sentimento de ameaça sem objecto concreto, mas que deixa o indivíduo sem saber o que fazer para enfrentar o perigo.

A ansiedade pode ocorrer com mais ou menos intensidade, que pode ser apenas na leve tensão até um profundo terror. O medo por exemplo, é uma ameaça a uma parte do self. Mas se esta ameaça se torna demasiado séria para envolver o self total, ameaçando a existência do indivíduo, este experimenta a ansiedade. É a qualidade e não a quantidade que determina a ansiedade e neste sentido podemos dizer que os perigos do presente são menores que a previsão do futuro, logo a ameaça de morte é o "símbolo" mais comum da ansiedade (May,S/D). Mas não só, outros valores, como o amor, sucesso, liberdade, são também "símbolos", que se foram destruídos os indivíduos sentem que a sua própria existência também pode ser destruída.

Neste final de século, temos observado um aumento crescente da ansiedade perante a morte, uma época em que a destruição pode tomar diversas formas e que diz respeito a toda a comunidade e a todos os indivíduos, e não apenas um único que luta pelos seus direitos ou convicções. Mas esta situação coloca o homem em contradição pois, o inevitável não permite ao homem negar ou ignorar a morte, e como solução, resta o tentar dominá-la. Por exemplo, muitas pessoas são apologistas de que a guerra é, entre outras razões, uma necessidade dos homens para defrontar, conquistar, dominar a própria morte. Mas com o rápido avanço das técnicas científicas, foi possível construir outras armas de destruição, que aumentaram o medo de uma morte violenta e

catastrófica. Do ponto de vista psicológico, o homem luta agora para se defender do medo da morte e da crescente incapacidade de se precaver contra a mesma. Psicologicamente podemos negar a realidade da morte por um período de tempo, pois inconscientemente, não podemos conceber a nossa própria morte, acreditando na nossa imortalidade. Só a morte do outro nos parece possível. Mas se não podemos rejeitar a morte, é talvez possível dominá-la pelo desafio, o que leva o homem a experimentar o sentimento de imunidade contra a mesma. O mesmo parece acontecer, ao nível do todo, das sociedades, que perante o medo e a rejeição, lança mão de defesas que são destrutivas. As guerras, os tumultos, o aumento do índice de criminalidade podem ser considerados sintomas de decrescente incapacidade de enfrentar a morte com resignação e dignidade. (Kubler-Ross, 1992). A própria religião, e o sofrimento que esta reconhecia como algo da "terra" que seria recompensado no "céu", perdeu toda a razão de ser.

Esta mudança também levou a que menos pessoas acreditem realmente na vida após a morte, o que talvez seja também um sinal de negação da nossa mortalidade. A sociedade por sua vez, que nada disto tem para oferecer, aumenta apenas a ansiedade, acentuando o sentido da destruição e agressão.

Para Kubler-Ross (1992), uma "antevisão do futuro revela uma sociedade em que os indivíduos são mantidos vivos, por máquinas que substituem órgãos vitais, por computadores que os controlam periodicamente, para ver se alguma função psicológica merece ser substituída por equipamento electrónico".

Isto é uma situação muito polémica, e na opinião de Morin (1970), a sociedade funciona não apenas, contra a morte ou apesar desta, mas também como organizada na e

com a morte. As ciências humanas têm negligenciado, a morte, interessando-se apenas em reconhecer o homem pelo utensílio, pelo cérebro e pela linguagem, e no entanto, é o único "animal" para o qual a morte está sempre presente, sendo acompanhada em ritos fúnebres e na crença da sobrevivência e no renascimento dos mortos.

A morte é conhecida simplesmente como um fim, e depois dela só existem recordações e efeitos nos outros indivíduos vivos. Quando confrontados com a morte a vida parece sempre como um fluir constante, em especial, quando se está perante uma vida humana para chegar ao fim, em que o homem toma consciência de como o valor da vida se torna tão premente e doloroso. Isto é observado na comparação entre a imagem de um jovem a lutar por objectivos e pela constituição de um futuro, e a de um doente terminal ou de um ancião que caminham para o fim da vida. Enquanto que os primeiros têm medo da vida, os seguintes têm medo da morte, parecendo lógico que aqueles que mais temem a vida quando jovens, são justamente os que mais têm medo da morte quando envelhecem.

A longevidade do homem actual é um produto da civilização. No homem primitivo, só esporadicamente é que se chegava a uma idade avançada, e os idosos haviam-se identificado com a sua idade avançada.

Se o nascimento do homem é cheio de significados, a morte também o deveria ser. Os jovens numa sociedade são preparados durante vários anos para a sua existência individual, mas não o são para a morte, em especial nas sociedades ocidentais. As religiões na sua maioria encaram a morte como um segundo nascimento que nos leva a uma sobrevida no além, o que de certa forma exprime um complexo sistema de

preparação para a morte, de tal modo que a vida não é mais do que uma preparação para o fim que é a morte. No entanto, e na ideia de Yung (1930), a experiência mostra que as religiões não elaboram conscientemente estas ideias, mas apenas de forma inconsciente, organizada como uma determinada expressão que é adequada ao indivíduo e àquilo em que ele acredita, ou quer crer, e que é baseada em símbolos religiosos que são considerados verdades psico-naturais. De acordo com isto, poder-se-ia considerar que a morte é vista como a realização plena do sentido da vida e a sua verdadeira meta, o que corresponde melhor à psique colectiva da humanidade.

É então importante, falarmos agora das fantasias, consideradas como actos preparatórios ou mesmo exercícios psíquicos para lidar com certas realidades futuras. Por exemplo, um jovem tem um grande número de fantasias que se relacionam com o futuro, mas um idoso, têm um grande número de imagens do passado e antecipações do futuro, nomeadamente com a morte, que foram acumuladas durante anos, e que vão preparando o homem que envelhece para o fim da sua existência. É neste sentido que Yung (1930) considera que está na própria natureza do homem a preparação para o seu fim, o que não implica que o homem recue assustado, como se sentisse ameaçado por situações que ele nunca poderia assumir. Para ele, a causa fundamental das dificuldades de aceitação deste fenómeno, nesta fase, é a mudança singular que se processa nas "profundezas da alma". O homem que envelhece deveria saber que a sua vida não está em ascensão, nem em expansão, mas sim um processo interior, uma necessidade de dedicar uma séria atenção ao seu próprio si-mesmo. O ser humano não chegaria tão longe na sua idade, se isso não tivesse um significado para a sua espécie. O significado diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo, na propagação da sua espécie no mundo,

e esta finalidade, manifesta na natureza do próprio homem, associada às conquistas e expansão da existência, na busca de poder, dinheiro etc., mas não chega para atingir o significado da existência. Aqui podemos falar da cultura. Esta situa-se para além destes objectivos da natureza humana. Isto pode ser referenciado com o valor dos anciãos representarem para os povos primitivos - estes eram considerados como "guardiões" dos mistérios e das leis, onde se exprime as heranças culturais desses mesmos povos. Mas hoje, os anciãos da actualidade, não detêm mais este valor; mais, hoje são desclassificados, desvalorizados, a ponto de procurarem competir com os jovens e se voltarem para o passado, fugindo do futuro, (Mead 1960).

Para o homem, parece ser difícil ver, quando se encontra na segunda metade da vida, que esta lhe oferece objectivos diferentes daquelas que tiveram na metade da sua vida, como a expansão, a utilidade, a eficiência e a construção de uma boa imagem na vida social, familiar e económica.

E parece difícil porque estes objectivos já não têm sentido, aparecendo um pouco "desbotados" de essência, no entanto, ainda são desejados. Da mesma forma que as coisas da vida não foram vividas, as potencialidades que não foram satisfeitas, levam o indivíduo quando se aproxima da velhice, a desviar o seu olhar para o passado. Mas também sente necessidade de ter uma perspectiva e um objectivo fixado no futuro.

Quase todos os indivíduos acham que vão viver até à velhice, e consciente ou inconscientemente, programam cada nova etapa das suas vidas, jamais meditando sobre a morte, e se confrontados com algo de súbito que levará à morte, reagem como se fosse um choque, seguido de raiva. A esta situação, Pattison (1977) chama de "crise de

conhecimento da morte" (at in Stedeford, 1986).

Esta crise corresponde á fase, em que a ansiedade está no auge, pois o indivíduo já admite a ameaça de morte, mas ainda está incerto em relação á sua inevitabilidade, caso contrario, vão querer saber quando e como é que ela ocorre. A incerteza é talvez a experiência mais difícil que a psique humana poderá enfrentar, pois se o indivíduo sabe o que vai acontecer, prepara-se para o facto, caso contrário não pode fazer nada e quando ela surge é catastrófico. A ameaça da morte provoca um aumento da angustia de separação tal como o medo existencial da morte, "do deixar de ser", que é comum a todo o ser humano, e que permanece inconscientemente, quando o conhecimento da morte se torna inevitável, vai influenciar profundamente o comportamento das pessoas. De um modo geral, as pessoas não acreditam na possibilidade de poderem deixar de existir, pois é impensável imaginar o "self morto". Os medos relacionados com o processo de morrer causam um sofrimento mais evidente do que o medo da morte propriamente dita. O medo é considerado a emoção que o ser humano mais facilmente sabe expressar. Por exemplo, o bebé fica alarmado logo que nasce, o que leva Stedeford, (1986), a pensar se a consciência da morte não será inata, visto estar presente logo de inicio, embora inconscientemente. O crescimento, vai permitindo ao indivíduo conceptualizar este medo, e as suas experiências vão-se confrontando com as suas defesas contra a admissão da aceitação da inevitabilidade da morte, acompanhada da ansiedade, e que vão penetrando na consciência. Intelectualmente, é mais simples aceitar, e pensar sobre isso; emocionalmente é extremamente complicado e doloroso, e se os indivíduos consciencializassem todos os perigos que o envolvem, isso produziria um estado de ansiedade tal que os paralisaria, tornando a vida do quotidiano impossível de viver. Dai

necessitarmos de nos defender, negando, para sobreviver.

Erikson (cit. in Lifton, 1974), considerava que se o indivíduo imaginasse que não existia ou que ia deixar de existir, iria sentir muito medo e tendia a fugir.

O ser humano leva alguns anos para adquirir o conceito de morte, sendo este constituído de forma gradual, a partir de imagens mentais internalizadas, que existem, aparentemente, desde o nascimento, tornando-se concretas devido às experiências que vão sendo vivenciadas ao longo do desenvolvimento. Estas experiências são essenciais para formar o sentimento que o ser humano desenvolve sobre a morte.

Durante os ciclos de vida, as imagens mentais internas e as ideias sobre a morte envolvem e reflectem as experiências individuais ao nível emocional e intelectual. Erikson (1962), considera que as primeiras imagens mentais de vida e morte do indivíduo são organizadas sobre três níveis de oposição:

1. Na imagem mental de vida os três níveis são: ligação, movimento, integridade, que correspondem nesta mesma ordem à imagem mental de morte;
2. Na imagens mental de morte, os níveis são: separação, não movimento, desintegração;

Esta organização de opostos acontece nas ligações afectivas dos seres humanos. No bebé humano, a sua imagem materna interna, orienta o seu caminho. A sua vida é sentido como conectada com uma fonte de cuidado e suporte. Se é separada dessa fonte, experimenta um grande medo e ansiedade, e a imagem de separação está relacionada

com a imagem de morte.

A separação pode ser então entendida como a ausência em termos perceptivos de forma total ou parcial, assim como de forma temporária ou definitiva, de um “objecto” que tem ligação significativa com o sujeito. Entre os dois podem existir uma enorme variedade de perdas para além da situação de morte, o que nos indica que além da ligação entre as próprias indivíduos, existe também o seu próprio desenvolvimento e condições precedentes que as envolvem e portanto que influenciam a forma como os indivíduos lidam com as perdas.

Quando as condições de vida do indivíduo se modificam subitamente, as suas imagens mentais de morte tornam-se mais intensas. E se essas mudanças incluem o próprio corpo e o mundo social onde o indivíduo começa a acreditar que tudo o que existe é finito, e isso fá-lo perder a confiança e a expectativa de futuro.

A angustia de separação, é universal e acompanha todos os momentos da vida do indivíduo correspondendo a um sentimento doloroso de medo, sempre que as ligações afectivas correm o risco de se romper ou se rompem efectivamente. O pânico de o indivíduo se encontrar sozinho e abandonado corresponde a um excesso de angustia, (J.M. Quirodez, 1991, cit. in Bonasia, 1992).

Também J. Bowlby (1979), propõe a ideia de que a separação é explicada através da sua teoria do “Attachment”, visto o indivíduo ao longo da sua vida ter tendência a estruturar laços afectivos sólidos com outros indivíduos significativos para si. Este comportamentos de “attachment” é o protótipo da relação da criança com a mãe, satisfazendo a necessidade básica de segurança, estando presente do nascimento até à

morte, e é importante para a sobrevivência.

A ruptura desta ligação de "attachement", origina angústia, e reacções de procura activa do objecto perdido ou de um objecto que o substitua. Para Bonasia (1992), essas reacções revelam uma angústia e um sofrimento específicos ligados à inevitabilidade do seu próprio fim. Além disso este comportamento de "attachement" joga um papel fundamental na relação da criança com a mãe e o pai, relativamente à realidade da morte. Nos próprios pais a presença ao nível consciente ou pré-consciente, do risco de morte real e respectiva angústia, e é uma condição necessária para que eles transmitam ao filho as emoções ligadas aos riscos da própria vida e também o conhecimento que têm da morte e o modo como a enfrentar.

Um dos objectos da psique humana, quer ao nível individual quer colectivo é o de restaurar o equilíbrio interno e simbólico face ao mundo em mudança, (Cahu, 1979).

Ou como nos diz João dos Santos, (1991), "Cada indivíduo é em si próprio, uma vivência, uma perspectiva e uma experiência inédita, porque a sua vivência é interioridade: morre só, com o mundo que em si criou".

"Pode a criança do homem ser levada a criar o seu mundo a partir de fantasmas estéreis, e a viver na solidão da morte, ou pode o homem-criança criar um mundo interior tão rico que nele possa viver a sua solidão e aceitar a morte." (Santos, 1991, pag. 316-317).

2.2. Morte e Imortalidade

A morte introduz a ideia de continuidade, prolongando o homem no tempo, esforçando-se para o adoptar ao mundo, exprimindo no entanto, a inadaptação, paralelamente as possibilidades de conquista do homem em relação ao seu mundo. Talvez, aceitando esta ideia, se possa perceber o poder da crença na Imortalidade. Frazer (S/D) cit. in Morin, (1979) define esta imortalidade, como o prolongamento da vida por períodos indefinidos mas não necessariamente eternos, e pressupõe não a ignorância da morte, mas o reconhecimento da chegada da morte. Na imortalidade existe portanto a realidade da morte, mas não a consciência da sua essência - a morte existe, acontece, é reconhecida e o homem ao pretender ser imortal, torna-se imortal.

A obsessão da sobrevivência, muitas vezes em detrimento da vida, na concepção de Morin (1979) revela ao homem a preocupação máxima de conservar a sua individualidade para além da morte. O grande medo da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade. O sentimento é o de uma ruptura, a consciência é a de um vazio e tudo isto é traumático. A evidência do traumatismo provocado por aquilo que nega a individualidade, implica ao mesmo tempo uma afirmação dessa individualidade, e quando se revolta perante a morte, afirma-se simultaneamente, reagindo ao mesmo tempo de forma global e dialéctica na consciência da própria morte, ao nível do traumatismo e da crença na Imortalidade. É a partir do momento em que o ser humano teve consciência de si mesmo, como indivíduo, que ele se sente preocupado com a morte, que perde o significado de simples ausência, para aparecer correlacionada com a angústia de morte e a promessa da imortalidade.

Por seu lado, " a afirmação do indivíduo no grupo social dissolve a presença traumática da morte e ao mesmo tempo levantando-se novos medos da morte, isto porque viver é pertencer intimamente ao grupo" (Levy - Bruhl, S/D). O sentimento que o indivíduo tem da sua própria existência envolve-o de uma simbiose com os outros membros do grupo, assim como a participação do indivíduo no corpo social, é algo que está contido no sentimento que ele tem da sua própria existência. Isto leva-nos também a reflectir sobre o facto de que o medo da morte é menos intenso nos povos antigos do que nos povos actuais, pois os primeiros não lidavam com o individualismo, estando totalmente direccionados para o grupo, pois é a espécie que conhece a morte e não o indivíduo, e essa morte é natural e organizada no seio das organizações individuais, onde os indivíduos morrem de velhice. A espécie protege-se a si própria quando faz morrer naturalmente os seus indivíduos, salvaguardando o seu próprio rejuvenescimento e protegendo-se da morte/agressão e perigo, devido aos "instintos" de protecção (Morin, 1979). Estes instintos de conservação individual são específicos pois são idênticos nos membros da mesma espécie, e o seu significado torna-se mais específico quando se integra num sistema mais vasto de protecção de todas as espécies, o que poderá explicar a razão do facto de que o indivíduo ao defender-se da morte, se torna "cego" à mesma, ou seja, não tem consciência, o que é sinal, por sua vez de adaptação ao grupo. Mas a individualidade humana é lúcida à morte e por isso o homem actual é afectado de forma traumática, tentando negá-la através do mito da imortalidade.

Daqui pode-se dizer que a consciência da morte, não é inato, mas sim o produto de uma consciência que compreende o real, e talvez por isso o homem fique sempre surpreendido com a morte. Acerca disto, Freud refere "insistimos sempre no carácter

ocasional da morte: acidentes, doenças, infecções velhice adiantada, revelando assim, nitidamente a nossa tendência para despojar a morte de todo o carácter de necessidade para fazer dela um acontecimento puramente acidental". (Freud - Essais de psychanalyse , at in Morin, 1979, pag. 59).

Mas não só, o traumatismo da morte real, é a consciência da morte no seio dessa não consciência.

Os sinais de que no homem actual, o instinto de protecção da espécie já não serve para nada, pois a violência, o ódio, o homicídio, satisfação de desejos de matar, que não são contidos, denotam, a libertação das pulsões da individualidade, em detrimento dos interesses da espécie. Estas pulsões podem ser vistas como agressividade biológica incontrolada (Morin, 1979), a afirmação de um homem com destruição de outro homem, nomeadamente com a sua tecnologia. Esta capacidade significa que existe já separação entre a fantasia selvagem e o conhecimento do perigo real, Por exemplo, na abordagem de Lifton (1974), nos seus trabalhos sobre os sobreviventes de Hiroshima, considera-se que a bomba atómica foi algo que não destruiu apenas um grupo largo de indivíduos e de espaço natural, ela destruiu os limites da própria destruição. Isto porque a destruição que provocou foi praticamente total e os sobreviventes experimentaram um encontro que se tornou permanente com a morte.

Os trabalhos de Lifton (1961-1976 cit. por Schumitt, 1982), embora limitados a contextos extremos, envolvendo indivíduos que experienciam as armas da Era nuclear, procurando perceber de que forma é que a noção de morte e da continuidade influenciam e são influenciados pelos comportamentos pessoais, sociais, ideológicos e históricos de

uma determinada época, estendem-se a outras situações e à “sobrevivência” de outras sociedades.

As suas preocupações centrais giram à volta do conceito de Imortalidade Simbólica, que define como a “tendência universal dos indivíduos para manterem um sentido oculto para a continuidade simbólica nas relações com os vários elementos da sua existência, para além do tempo e do espaço” (Lifton, 1961-76 cit. in Mathaews e Mister, 1988, pag. 161). Esta tendência e a própria relação que o homem estabelece com o modo como a própria Imortalidade Simbólica se pode manifestar é modificada, quando o homem se confronta com um perigo externo que pode destruí-lo e pôr em causa o futuro da própria humanidade, pois as diferentes formas que o homem tem para se realizar e satisfazer esta necessidade de relação simbólica, hoje em dia dão muito pouca segurança e alternativas, e a experiência transcendental parece ser a solução viável para combater esta perda de sentido.

O indivíduo, percebe qualquer tipo de morte como absurda, e face a uma morte inevitável, requer um sentido para a sua vida, um sentido que se observa no tempo actual, sinal de uma vida incerta, sem valores fidedignos, e onde todas as instituições que ao longo de gerações foram organizando e dando sentido à vida dos homens, como a família, a religião, o governo, o trabalho, etc., estão em crise, não permitindo que o indivíduo organize de forma significativa, as suas ideias, aspirações e vidas, tornando os ciclos de vida ansiogénicos e traumáticos.

A morte e a sua aceitação sendo algo que depende do contexto psicológico em que a mesma ocorre, tornou-se hoje em dia menos aceitável, talvez porque, ela é

associada a terríveis imagens de destruição absurda, tornando a própria vida desenraizada e desconexa.

Para a maioria dos indivíduos, este processo de mudança, de aceitar a morte do outro, tal como o aceitar o nascimento de outro, é acompanhado de confusão e ansiedade, mas ao mesmo tempo é também um processo contrário e formativo, que possibilita ao indivíduo criar continuamente imagens e símbolos, e na concepção de Lifton (1974) é essencial para que a vida mental do indivíduo se vá formando. Isto porque o sentido de vida só existe quando o processo de simbolização dá formas e imagens adequadas que guiam o comportamento. O problema central baseia-se no facto de que a capacidade que o homem tem para interpretar simbolicamente as experiências e vivências, não acompanham no mesmo ritmo as mudanças, e além disso os sistemas de símbolos que os indivíduos utilizam durante gerações, actualmente não consegue produzir imagens ou valores que ajudem o indivíduo, perturbando a sua função psicológica de formação da sua própria identidade pessoal e social, e o homem torna-se “dessincronizado” e sem sentido, pois a mente não aceita experiências traumáticas que não pode simbolizar com sentido ou recriar. E isto acontece quando os acontecimentos históricos são demasiado alargados, absurdos para dar a uma expressão com sentido aos símbolos culturais. Mas talvez isto seja tão terrível que esta incapacidade de simbolizar sirva para proteger os indivíduos de grandes sofrimentos psicológicos, embora também o torne incapaz de sentir.

Se o homem conseguir substituir essa incapacidade pelo conhecimento, essas experiências traumáticas seriam talvez confrontadas de forma gradual. É por aqui que passa o processo para aceitar a morte de uma pessoa amada, envolvendo uma rejeição

inicial (ou até incapacidade de aceitar), que progressivamente vai caminhando para a aceitação, facilitado pelas inúmeras formas de simbolização, que permitem ao indivíduo participar na vida de forma activa sem negar a realidade da morte. Lifton (1974), acredita que enquanto as pessoas acreditarem que existem no mundo, observando isso através das expressões culturais muitas vezes, elas sentem um forte sentimento de “attachement” no verdadeiro sentido do termo, que cresce nos indivíduos e que lhes permite paralelamente sentir um sentimento de imortalidade que permanece activo e que é vital para que a vida continue. Sobre este tema J. Lifton (1974), desenvolveu toda uma abordagem acerca da importância que teria o desejo de imortalidade que os indivíduos sentem e que consistiria um fenómeno importante para os seus processos de socialização. Mas as suas preocupações dirigem-se também no sentido de perceber de que forma é que as manifestações deste desejo de imortalidade seriam perturbadas, na nossa época caracterizada pela destruição da humanidade, nomeadamente sob a ameaça nuclear.

No centro deste desejo, estariam toda uma série de processos psicológicos que criariam imagens significativas e simbólicas, que permitirão ao homem relacionar a história passada com a história futura da espécie humana. Este desejo de imortalidade podia ser então considerado como uma crença que o Homem tem de existir de se preservar no futuro como pertencente a um grupo, a uma comunidade, a um tempo cultural e histórico, que está gravado na herança de bens e valores que vão sendo transmitidos de geração em geração, e que reflecte a procura da continuidade simbólica da vida. Mas esta procura de continuidade está intimamente relacionada com a perspectiva de morte.

Esta morte e ansiedade a ela associada, aparece nesta abordagem relacionada

com a expectativa do aniquilamento individual, pois o homem tem a capacidade de reconhecer antecipadamente a possibilidade de morrer, assim como o reconhecimento de que isso não obedece ao seu controle.

Desta forma, e na perspectiva de Figueiredo (1985), a expectativa da morte, tem um valor de um perigo infinito, cuja representação está associada a uma ansiedade ilimitada. A única forma de o homem viver com este conhecimento é-lhe dada pela sua capacidade psicológica de negação do carácter inelutável da própria morte. Assim, a crença na Imortalidade Simbólica é considerada como uma resposta ao medo provocado pela ameaça de destruição do indivíduo de forma total e permanente. Este medo de destruição radica na noção de identidade pessoal, tem sido atenuado ao longo de séculos da história, nas crenças de imortalidade da alma e do renascimento do corpo, exprimindo-se as mesmas em várias manifestações religiosas. No entanto, e de acordo com Lifton (1974), citado por Figueiredo (1993), a Imortalidade Simbólica, responde de outra forma, pois através das suas manifestações o homem encontraria a forma de atenuar o desespero e o medo, através da sua actividade e produção socializada, e para que possa ser considerada como transcendental tem de tomar a forma de um produto material ou simbólico, que para além do sujeito, seja transmissível a um grupo humano institucional que o reconheça, o sinta como lhe pertencendo e precise de o preservar no tempo. Isto porque não podemos deixar de pensar de modo algum, que as experiências e vivências do indivíduo como a natureza vão constituir as experiências sociais e isso facilita a emergência das diferentes formas de Imortalidade Simbólica, que se exprimem de diferentes modos de acordo com os indivíduos e as sociedades. Lifton (1974), considera que a Imortalidade Simbólica se exprime de cinco modos diferentes. O modo

de expressão “Biológica”, onde o desejo se exprime através dos laços familiares biológicos, que passam de geração para geração; o modo de expressão “Criativo”, onde a imortalidade se exprime através de actividades como, o ensino, a produção material, as invenções, etc.; o modo de expressão “Teológico”, onde a imortalidade se exprime pela religião; o modo de expressão da “Natureza”, onde a imortalidade se exprime na continuidade com a natureza; o modo de expressão “Transcendental”, que se exprime pela reorientação espiritual, que dependendo do estado psicológico do indivíduo, lhe dá um sentido de estar para além dos limites da vida e da morte, e que se exprime através da música, da dança, do desporto, etc..

Para Lifton (1974), citado por Figueiredo (1993), este último modo de imortalidade é fundamental para integrar os outros quatro modos de expressão, na vida dos indivíduos, pois centra o *self* no aqui e agora, enquanto os outros modos relacionam o *self* com o passado e o presente.

Podemos então referir que a Imortalidade Simbólica veicula o desejo do homem em perpetuar-se, pelo maior tempo possível através dos grupos sociais com que o indivíduo se identifica e onde constrói a sua identidade social, assim o medo da morte é sustentado pela expectativa da destruição e desaparecimento dos próprios grupos sociais, onde o indivíduo encontra a sua continuidade.

Esse medo revelaria portanto, pela expectativa de inviabilização das manifestações da própria imortalidade, pois os grupos funcionariam como suporte dessas manifestações.

Eurico de Figueiredo (1993), refere que para que o desejo de Imortalidade

Simbólica se manifeste, é necessário que o homem adquira a consciência da sua existência individual, que se observa no decurso do seu desenvolvimento, assim como o conceito de morte, da sua universalidade e inevitabilidade. Assim a necessidade que o homem tem de manter uma relação simbólica e continua com os vários elementos da vida, no tempo e no espaço.

Expressa-se no acreditar no futuro, no se identificar com o tempo futuro (por exemplo, o desejo de ter filhos, de ter sucesso na profissão, de pertencer e ser lembrado no seu próprio grupo social).

Mas quando a humanidade se confronta com perigos iminentes, como foi o caso do holocausto nuclear, a bomba atómica de Hiroxima, e outros desastres, este desejo de imortalidade pode estar ameaçado, o que compromete o significado (a crença) do futuro para o próprio homem. Lifton (1974), considera que foi esta situação que ocorreu nos sobreviventes de Hiroxima. Além de toda a destruição e doença, eles também adoeceram psicicamente, pois perderam toda a capacidade de sentir, de acreditar no futuro. A perda do desejo faz com que os indivíduos não procurem mais respostas para as crises do mundo, entrando num estado de indiferença, de apatia psíquica, ou seja, a perda do sentido de Imortalidade Simbólica, pois a vida fica profundamente ameaçada se a morte não é vista como transcendental. A negação da morte é uma condição universal da humanidade, mas com a qual o confronto é inevitável. Deste modo, para Lifton (1974, cit. por Drolet, 1990), a experiência precoce de vida ao nível do sentido da imortalidade, embora englobe a negação de morte, é considerada a melhor alternativa psicológica para a mesma. A morte torna-se então um símbolo de poder que encoraja o desenvolvimento da criatividade pessoal e colectiva.

A consciência que o homem tem da morte em conjunto com a sua capacidade de simbolizar a vida, a cultura e a história passada e futura, permite-lhe desenvolver a capacidade de imaginar a sua própria morte. Deste modo, Lifton (1974), considera que o sentido da Imortalidade Simbólica, pode ser definido pela resposta adaptativa e antecipatória, à realidade da morte, de uma forma natural, do mesmo modo que o processo psicofisiológico de formação de imagens mentais, que é considerado como uma forma de ajudar o indivíduo na sua relação dualista da sua condição existencial, é algo bastante complexo e potente na construção do ser e na capacidade de adquirir a noção de ser finito. A partir destas ideias, Lifton refere então que a realidade da morte não pode ser vista, apenas como um aspecto positivo da vida, mas também como um aspecto activo, que joga um papel essencial e primordial no desenvolvimento, (Drolet, 1990). Este papel relaciona-se com o reconhecimento da existência da imagem da morte intimamente ligada à formação de símbolos e à capacidade de simbolizar.

Neste sentido e partindo desta perspectiva de formação de imagens mentais, o indivíduo pode ser visto então, como um ser que procura um sentido para a sua existência, que implica a evolução e construção de imagens psíquicas, que irá garantir o sentido da Imortalidade Simbólica. Daí que a ausência das imagens mentais da vida leva o indivíduo a ser invadido pelas imagens mentais de morte que ameaçam a capacidade do indivíduo para reconstruir e renovar a sua própria existência. Ou seja, algumas experiências têm o poder de trazer à consciência, imagens de morte que são acompanhadas de ansiedade também considerada de morte, o que leva a pôr em causa a identidade do próprio.

A noção de Imortalidade Simbólica, relaciona-se com as qualidades

transcendentais do homem, numa dimensão atemporal, o que leva o homem a ter a crença de que a sua identidade se estende para além do seu Ego e da consciência que tem de si e do mundo.

E o problema do homem na actualidade parece centrar-se exactamente neste balanço entre imagens mentais de vida e morte e na sua simbolização nas dualidades de contacto-separação, integridade/não integridade, movimento/não movimento, confrontados com uma sociedade que parece estar a atingir os limites da sua própria sobrevivência.

Capítulo II

1. Tema

Estudo sobre o sentimento de Imortalidade Simbólica e a Ansiedade Perante a Morte num grupo de jovens adultos universitários.

2. Problema

Será que, um maior sentimento de imortalidade simbólica implicará menor ansiedade perante a morte?

Será que maior maturidade implicará uma maior consciencialização do sentimento de imortalidade simbólica, e conseqüentemente um menor nível de ansiedade perante a morte?

3. Hipóteses de trabalho

Hipótese 1 - Existem diferenças significativas no sentimento de imortalidade simbólica entre os sexos: os indivíduos do sexo feminino apresentam um maior desejo de imortalidade simbólica do que os indivíduos do sexo masculino.

Hipótese 2 - Existem diferenças significativas na ansiedade perante a morte entre os sexos: os indivíduos do sexo feminino apresentam um menor nível de ansiedade perante a morte do que os indivíduos do sexo masculino.

Hipótese 3 - Existe uma associação entre o sentimento de imortalidade simbólica e o nível da maturidade: quanto maior o nível de maturidade do indivíduo maior o desejo de imortalidade simbólica.

Hipótese 4 - Existe uma associação entre a ansiedade perante a morte e o nível da maturidade: quanto maior o nível de maturidade menor o nível de ansiedade perante a morte.

Hipótese 5 - A ansiedade perante a morte é função inversa do sentimento de imortalidade simbólica.

4. Variáveis em Estudo

a) Variáveis Independentes:

1. Sexo

2. Maturidade

A maturidade neste trabalho será caracterizada da seguinte forma: nível de desenvolvimento caracterizado pela responsabilidade pessoal, social, autonomia económica e consciencialização do real. Este conceito subdivide-se em:

Maturidade Alta: indivíduos autónomos economicamente (de forma total ou parcial), Trabalhadores/estudantes e Casados;

Maturidade Baixa: indivíduos não autónomos economicamente (de forma total ou parcial), Estudantes e Solteiros.

b) Variáveis Dependentes:

- Sentimento de imortalidade Simbólica
- Ansiedade Perante a Morte

5. Descrição dos Instrumentos

5.1. Escala de Imortalidade Simbólica de J. Lifton

Nos anos 60 e 70, o investigador J. Lifton desenvolveu uma série de trabalhos, baseados em entrevistas realizadas aos sobreviventes de Bomba de Hiroxima, e realizando uma série de pesquisas, teorizou que os indivíduos têm uma necessidade

básica para a sua saúde psíquica relacionada com a sua saúde futura, para além da sua existência presente. A esta necessidade básica que se expressa através das crenças que os indivíduos desenvolvem, acreditam e que lhes dão sentido à sua vida, Lifton (1973) chamou de desejo de Imortalidade Simbólica. Este desejo é expresso, na concepção de Lifton, em cinco diferentes modos: Biológico, Religioso, Natural, Criativo e Experiencial.

Concluiu que os sobreviventes da Bomba de Hiroxima, apresentavam uma total perda de crença no futuro da qual resultou uma total perda de sentimentos, a que Lifton chamou de adormecimento psicológico ("psychic numbness", no original). Com base nisto, J. Lifton (1976) sugere também que a ameaça de um holocausto nuclear pode destruir a crença individual no futuro, resultando daí um estado de adormecimento psicológico.

A partir disto J. Lifton (1968-76), desenvolveu e construiu um instrumento que permitia medir as necessidades pessoais de Imortalidade Simbólica. A escala que obteve foi composta por declarações obtidas a partir dos sobreviventes de Hiroxima num total de quarenta itens subdivididos em cinco factores que correspondem aos cinco modos de Imortalidade Simbólica, com um montante de oito itens por factor.

Posteriormente outros investigadores interessados pelos trabalhos de Lifton, reorganizaram uma série de procedimentos, a partir dos quais a escala original foi revista e uma nova versão foi adaptada por R. Mathews, R. Mister (1987) e R. Mathews e K. Kling(1988).

Com base nesta Escala de Imortalidade Simbólica de J. Lifton e nos seus

trabalhos, Drolet (1986), desenvolve uma investigação partindo da hipótese de que o sentido de Imortalidade Simbólica se desenvolve com a idade, ou seja, que os adultos têm um sentido de Imortalidade Simbólica e um propósito para a vida, significativamente mais forte do que os jovens adultos. Lifton (1979), cit., por Drolet, (1990), considerava que os jovens adultos estão mais preocupados em construir uma vida activa e estruturada de que com os aspectos finitos do processo da vida, o que é indicador de que até aos quarenta anos de idade, os indivíduos não atribuem um grande significado à morte e ao morrer, situação que já não acontece a partir da idade adulta e na meia idade, pois os indivíduos estão mais próximos de aceitar e lidar com a sua própria morte. Qualquer que seja a natureza ou o nível da experiência da morte, a sua realidade produz sempre uma necessidade compulsiva de apropriação, da simbolização e integração das acções imediatas e das relações estabelecidas, e neste sentido o homem adulto tem uma maior capacidade de auto-avaliação sobre o seu “poder imortal” e de relacionar as diferentes experiências, o que à partida indica que terão um sentido de Imortalidade Simbólica mais forte do que os jovens adultos, pois as sua imagens mentais implicam simbolizações mais abstractas, o mesmo se verificando em relação à noção de que a Imortalidade Simbólica é mais abstracta no fim da faixa etária do jovem adulto de que no principio da mesma.

Também se verificou no estudo de Drolet (1990), que o jovem adulto apresenta mudanças que indicam uma positiva evolução das imagens mentais, e que as imagens da vida pesam mais na vida dos indivíduos que as imagens da morte. Tudo Isto sugere que existe evolução da capacidade de simbolizar a morte e da possibilidade de transcender essa simbolização, através de fenómenos que provêm da cultura. Esta evolução é

acompanhada de um sentimento de confiança, integridade e de continuidade. As grandes diferenças observadas entre os dois grupos dizem respeito aos modos bio-sociais e criativos da Imortalidade Simbólica. Na ideia de Bockneck (1980) e de Levinson (1978), citados por Drolet (1990), a actividade social ou bio-social e a profissional ou criativa, jogam um papel primordial nos jovens adultos de 30 anos de idade, na nossa cultura. Lifton (1979), acerca desta situação considerava que, mesmo quando os indivíduos jovens começam a iniciar a estrutura da vida adulta, não se pode considerar que a Imortalidade Simbólica se manifesta apenas ao nível da família e do trabalho. Isto leva-nos a ter uma ideia de que “o conhecimento da morte” está presente ao longo da vida toda, e que a diferença que se encontra entre os diferentes estádios de desenvolvimento, baseia-se no facto como esse conhecimento se expressa nesses diferentes estádios.

Blake (1969, citado por Drolet, 1990), considera por seu lado, que as atitudes para com a morte são ditadas pelo próprio desenvolvimento em cada nível de idade. Também nos seus estudos, Drolet (1990) obteve uma correlação negativa entre a Imortalidade Simbólica e a Ansiedade Perante a Morte, o que de algum modo suporta a ideia que o desenvolvimento do sentido da Imortalidade Simbólica contribui para tornar imune os indivíduos do medo da morte, assim como a ansiedade perante a morte está negativamente relacionada com o propósito da vida.

Por seu lado, a ansiedade perante a morte não é uma função da idade, mas sim uma função da capacidade para transcender a morte e o poder da experiência da vida, como uma manifestação do nível da Imortalidade Simbólica e do propósito da vida, não se registando, portanto, diferenças entre os jovens adultos e os adultos.

Verificou-se também, que o modo bio-social da Imortalidade Simbólica relaciona-se com a ansiedade perante a morte, indicador de uma relação de causa-efeito entre uma identidade ainda frágil para estabelecer relações bio-sociais e o medo de morte, isto porque, este modo de Imortalidade Simbólica é baseado no sentido da continuidade biológica e no sentido da verdadeira pertença a uma cultura. No entanto, enquanto que o jovem adulto vai adquirindo o “sentido de ser capaz de...”, no adulto, este sentido torna-se realmente efectivo. Os adultos na faixa etária do quarenta anos têm uma maior necessidade de actuar e atingir os seus fins, não se contentando já e apenas em sonhar e falar acerca dos seus projectos e do seu futuro, como quando adolescentes, nem tão pouco sentem mais uma grande necessidade de se prepararem e ganharem mais experiência para poderem actuar, como acontece com os jovens adultos. Eles pretendem ser e estar capazes para completar coisas e que isso acontece no momento em que se encontram, assumindo um maior compromisso em levar acabo actividades, projectos e propósitos; isto parece justificar os resultados obtidos por Drolet (1990), no sentido que os adultos apresentam um propósito mais forte na vida que os jovens adultos. Por outro lado, também se verifica nos trabalhos de Drolet (1990) que relativamente à ansiedade perante a morte, esta está mais relacionada com a orientação do passado por oposição ao futuro, e estes trabalhos suportam a ideia de que, o medo da morte pode ser considerado como uma expressão da inabilidade do indivíduo para atingir e levar acabo o empreendimento da vida.

Um outro estudo que é interessante, é o trabalho de R. Mathews e de K. Kling (1988), sobre a relação entre os diferentes modos de imortalidade e factores sociais, ou seja, a relação entre diferentes formas individuais de expressar as necessidades de viver e

as vários tipos de comportamento social. Para estes autores os cinco modos de Imortalidade simbólica estão relacionados com factores sociais. De acordo com os estudos de Lifton (1973/76), existem padrões de relação entre determinado tipo de necessidades individuais e determinado tipo de comportamento social que pode satisfazer essa necessidade. Por exemplo, foram encontradas relações fortes nas relações de base biológica entre as crianças e pessoas significativas, o que poderá indicar um forte traço genético nos actos pro-sociais sustentados por este modo, como já foi sugerido pela teoria evolucionista do comportamento pro-social (Sharabany e Ber-Ttal, 1982; Vine, 1983; Wilson, 1978, cit. por Mathews e Kling, 1987); O modo Criativo que dá importância aos empreendimentos e às contribuições pessoais que beneficiam as gerações vindouras, parece reflectir valores que estão associados à Teoria Social do Comportamento Normativo (Shawtz e Howard, 1981), pois a realização de um trabalho criativo e de ajuda dos outros faz parte das normas impostas pelo bom cidadão numa sociedade contemporânea.

O modo Religioso, demonstrou contar valores religiosos que são incompatíveis com o comportamento pro-social, observando-se a existência de uma relação positiva entre ambos quando os indivíduos eclesiásticos são solicitados para participarem em situações sociais (Gergen e Meter, 1972, cit. in Mathews e Kling, 1987).

Para o quarto modo de Imortalidade Simbólica - Biológico, Mathews e Mister (1987), consideram que os itens que dele fazem parte dão ênfase ao sentido da unidade-identidade-singularidade, com a Natureza e o sentido da paz e tranquilidade, associados à necessidade de estar em *settings* naturais, o que leva os investigadores a procurar encontrar comportamentos direccionados para a natureza (como por exemplo, os

movimentos anti-poluição, conservação, etc.)

O quinto modo - Experiencial, revela-se bastante diferente dos outros modos. Mathews e Mister (1987), encontraram uma relação bastante significativa entre os itens deste modo e a procura de experiências agradáveis, o que leva a pensar que este modo não estará relacionado com comportamentos sociais, a não ser que estes sejam intrinsecamente agradáveis.

Contudo, os cinco modos de imortalidade podem relacionar-se com comportamentos sociais altruísta no sentido da prevenção, intervenção e construção de condições que possam favorecer o crescimento e a manutenção da harmonia numa sociedade.

5.2. Apresentação da Escala de Imortalidade Simbólica (versão revista por Mathews e Kling, 1988)

No presente trabalho a escala utilizada foi a versão revista por R. Mathews e K. Kling (1987), e apresentada no seu artigo original, citado na bibliografia.

A escala é composta por cinco factores que correspondem aos cinco modos de Imortalidade Simbólica, da seguinte forma:

1. Factor 1 - Modo Religioso

2. Factor 2 - Modo Natural

3. Factor 3 - Modo Criativo

4. Factor 4 - Modo Biológico

5. Factor 5 - Modo Experiencial

Estes factores foram determinados a partir de uma matriz de rotação de factores, indicada no artigo original citado na bibliografia deste trabalho.

Cada um dos modos de Imortalidade Simbólica é composto por seis itens.

1. Modo Religioso

1. O sentido da vida é determinado pelas minhas crenças religiosas.
2. Ser praticante da minha religião assegura-me a paz eterna.
3. É importante seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização espiritual depois da morte.
4. Farei quase tudo o que for preciso, para assegurar que vivo a vida segundo as minhas crenças religiosas.
5. É importante conduzir a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas.
6. Morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência.

2. Modo Natural

1. Estar com a natureza dá uma sensação de paz e tranquilidade à minha vida..
2. Existo na natureza e a natureza existe em mim.
3. Fazer parte da natureza é uma ajuda importante para a minha realização espiritual.
4. É importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos.
5. A relação fundamental entre o homem e a natureza dá sentido à minha vida.
6. Sinto-me ainda mais vivo quando me encontro só com a natureza.

3. Modo Criativo

1. É importante saber para mim que, depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou usar as minhas ideias ou coisas que fiz.
2. É importante para mim saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim.

3. É importante escrever, criar, ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte.
4. Muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi devido ao meu trabalho ou ao que realizei.
5. Quando olho para trás, é importante saber para mim que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas.
6. Depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que construi ou criei.

4. Modo Biológico

1. Farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos.
2. Depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos.
3. É importante que os meus entes queridos e as pessoas que me eram próximas, me recordarão depois da minha morte.
4. É importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos.
5. Para mim é importante falar aos meus filhos das gerações

passadas, tornando vivas as lembranças dos meus antepassados.

6. É importante para mim ter filhos para assegurar a continuidade da família.

5. Modo Experiencial

1. farei quase tudo o que me for agradável ou excitante.

2. É importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades.

3. Dado que a vida é tão curta, é importante aproveitar ao máximo tudo o que é agradável e excitante.

4. Quando olho para trás, é importante para mim saber que vivi quase tudo o que a vida tem para dar.

5. O que dá sentido à vida são algumas das boas experiências que tive.

6. Uma vida rica e cheia, é uma vida que capta muitos sentidos diferentes e que reúne uma grande variedade de experiências.

Podemos observar através da tabela 1 (pag. 10/11), do artigo de R. Mathews e K. Kling (1988), que os itens estão altamente correlacionados com o seu próprio factor, o que é sinal de que a análise factorial revela valores significativos.

5.2.1. Instrução e Cotação da Escala

A instrução dada aos sujeitos baseia-se no pedir aos mesmos que indiquem se concordam ou discordam com os itens apresentados, usando para isso uma escala de cinco pontos, no qual o binómio concordo/discordo varia entre discordo completamente (valor zero), a concordo completamente (valor quatro).

5.2.2. A Fidelidade da Escala

De acordo com Mathews e Kling (1988), podemos observar através dos seus estudos estatísticos para o cálculo da fidelidade e da validade de construto, que se obteve um alto coeficiente de alfa associado aos factores, como podemos observar na pag. 11 do artigo dos autores.

1. Modo Religioso - alfa = .90

2. Modo Natural - alfa = .85

3. Modo Criativo - alfa = .81

4. Modo Biológico - alfa = .81

5. Modo Experiencial - alfa = .79

No nosso trabalho, na Escala de Imortalidade Simbólica, constituída por 30 itens, os sujeitos atribuem a cada um deles, um valor que varia de 1 a 5, onde o valor 1 corresponde a "Concordo Completamente" e o valor 5 a "Discordo Completamente". Isto significa que os valores mais baixos referem-se a um maior sentimento de Imortalidade Simbólica, e os mais elevados, a um sentimento em menor grau.

5.3. Escala de Ansiedade perante a Morte

Yung (1930), cit. por Templer (1988), referiu que a morte do indivíduo e as crenças que ele constrói sobre a morte, fazem parte da vida diária, vida que começa com o nascimento e acaba com esta mesma morte. Por isso esta vida diária incide os seus objectivos durante a primeira metade da existência, do indivíduo na preparação para a vida, e na segunda metade na preparação dos indivíduos para a morte.

Existem várias definições de ansiedade perante a morte, mas iremos referir apenas a definição de D. Templer (1988), visto estarmos a trabalhar a escala por ele construída, na década de 60. Assim a ansiedade perante a morte, é "um estado emocional desagradável produzido pela contemplação da própria morte", Templer (1988, pag. 37).

Esta escala tem por objectivo a medição do medo da morte. Não é o único instrumento mas um dos que foram sujeitos a um maior número de estudos de validação.

A escala é composta por quinze itens no formato de Verdadeiro e Falso.

Descrição dos itens:

1. Tenho muito medo de morrer.
2. Raramente me vem à cabeça a ideia de morte.
3. Não fico nervoso quando as pessoas falam de morte.
4. Horroriza-me pensar que poderei vir a ser operada.
5. Não tenho medo nenhum de morrer.
6. Não estou especialmente temeroso de vir a ter um cancro.
7. A ideia da morte nunca me perturba.
8. Muitas vezes sinto-me mal quando o tempo passa depressa.
9. Tenho medo de vir a ter uma morte dolorosa.
10. O tema da vida para além da morte preocupa-me muito.
11. Assusta-me vir a ter um ataque cardíaco.
12. Frequentemente penso que a vida é realmente muito curta.
13. Fico perturbado quando as pessoas falam da terceira guerra mundial.
14. Horroriza-me ver um cadáver.

15. Penso que o futuro não trará nada que eu receio.

Neste formato de verdadeiro/falso são considerados itens verdadeiros, o itens: 1, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14; e itens falsos, os itens: 2, 3, 5, 6, 7, 15.

As respostas obtidas pelos indivíduos irão revelar respostas de muita ou pouca ansiedade às situações descritas nos próprios itens, mediante o facto dos sujeitos responderem se concordam ou não com as situações descritas, sendo elas verdadeiras ou falsas.

5.3.1. Os Factores que constituem a Escala de Ansiedade perante a Morte

Lonetto, R., Fleming e Mercer (1979), isolaram quatro factores que se encontram intrinsecamente relacionados na escala:

- a) Factor 1 - Dimensões cognitivo-afectivas ligadas à preocupação e temor da morte (itens 1 e 5).
- b) Factor 2 - Dimensão ligada a alterações físicas (item 3).
- c) Factor 3 - Dimensão ligada à noção de tempo: por exemplo frequência de pensamentos sobre a morte e as suas consequências, (itens 2 e 7); o sentimento de ser invadido por este tipo de pensamentos referentes a outra vida (item 10), ou ao futuro (itens 4, 14 e 15), e o mal estar sentido pela rápida passagem do tempo (itens 8 e 12).

d) Factor 4 - Dimensão ligada ao stress e à dor: por exemplo medo de morrer de forma dolorosa (item 9), de doença ou ataque súbito (itens 6 e 11), e reacção de uma morte no futuro (item 13).

Estes quatro factores evidenciam os resultados obtidos sobre o tempo e a independência desta noção de tempo e a ansiedade perante a morte, mostrando a natureza multidimensional da Escala de Ansiedade perante a Morte, e a sua universalidade, que contém as perspectivas de ansiedade, separação e mudança, na história pessoal e cultural do indivíduo.

A aplicação da Death Anxiety Scale (Templer, D.; Lonetto, R., 1988), em vários estudos permitiu observar que esta escala varia em função de vários factores, por exemplo:

- As mulheres tendem a apresentar um maior nível de ansiedade perante a morte quando comparadas com elementos do sexo masculino.
- Relativamente à idade, os estudos não são conclusivos, ou pelo menos não existem diferenças significativas.
- Existem correlações significativas entre membros do mesmo casal. Por outro lado, outros estudos revelaram que os indivíduos casados do sexo masculino apresentam uma menor preocupação com o tema da morte, do que os solteiros; assim como crianças de famílias monoparentais apresentam um maior nível de ansiedade do que outras, que vivem com os dois progenitores.

- Encontram-se algumas diferenças significativas em relação à raça (indivíduos de raça negra apresentam maior ansiedade perante a morte do que os de raça branca); o mesmo acontece com a população rural em relação à urbana.
- A ansiedade perante a morte é inversamente proporcional ao nível académico.
- Não se encontraram diferenças significativas entre as populações da Escala perante a morte e variáveis religiosas: as pessoas religiosas tendem a Ter menor ansiedade perante a morte.
- Encontram-se correlações significativas entre os indivíduos com patologia psiquiátrica e os valores obtidos na Escala de Ansiedade Perante a Morte; e que a ansiedade perante a morte é inversamente proporcional ao equilíbrio psicológico definida por critérios existenciais.
- Também se verifica uma relação positiva entre a ansiedade perante a morte com uma auto-imagem e auto-conceito negativos, assim como com a auto-estima (mais ansiedade implica menos segurança em si mesmo); com o nível baixo de auto-realização social e pessoal; com uma menor capacidade para lidar com o tempo. Os estudos de uma maneira geral concluem que existem dois determinantes gerais do grau de ansiedade perante a morte: primeiro a saúde psicológica, depois as experiências vitais sobre o tema da morte.

5.3.2. Fidelidade da Escala de Ansiedade perante a Morte

Na construção inicial da escala foram determinados quarenta elementos que descreviam a ansiedade perante a morte, constituindo assim quarenta itens (D. Templer, 1979 - tabela A.2, pag. 111). Ao determinar a consistência interna dos coeficientes de correlação ponto-bi sector entre cada elemento e a pontuação total foi decidido reter apenas os elementos que obtiveram coeficiente de correlação ponto-bi sector significativo para $\alpha = 0.10$, obtendo-se então um total de quinze itens que viriam a constituir a escala actual. Após mais alguns estudos estatísticos a fidelidade teste-reteste obteve uma consistência interna de 0.76 na formula de Kuder - Richardson.

Também obtiveram relativamente aos dados normativos, uma média situada ente 4.5 e 7.0, e um desvio padrão ligeiramente acima de 3.0, como podemos observar na pag. 122 do livro “ La ansiedad ante la Muerte” de D. Templer e R. Lonetto, (citado na bibliografia).

No nosso trabalho e para a Escala composta por 15 itens, os sujeitos respondem se concordam ou discordem, havendo questões positivas(subescala verdadeira) e negativas (subescala falsa) (ver anexo)

Para a obtenção de um valor final é necessário proceder-se à tradução das respostas dos sujeitos através de uma grelha que converte as questões negativas em positivas. Os valores mais baixos da Escala correspondem a uma fraca ansiedade perante a morte, enquanto que os mais elevados a uma alta ansiedade.

6. Procedimento

Este trabalho de investigação, é composto por alguns diferentes momentos, sem os quais, não teria sido possível realizá-lo.

Num primeiro momento, foi necessário determinar a população de estudo e critérios que iriam constituir a amostra de estudo.

Paralelamente foi necessário determinar os instrumentos a utilizar e prepará-los para a aplicação na amostra de estudo.

Não iremos descrever aqui os instrumentos, visto isso já ter sido realizado neste trabalho. No entanto, é importante referir que esta preparação teve de seguir determinados procedimentos.

a) Relativamente à Escala de Imortalidade Simbólica, foi necessário traduzir esta escala da língua Inglesa para a língua Portuguesa, a partir do artigo de Mathews e Kling (1988), referido na bibliografia deste trabalho.

Para isso foram constituídos, dois grupos de investigadores interessados nesta escala e a mesma foi traduzida. Posteriormente as traduções foram comparadas e analisadas, chegando-se à versão final por consenso de grupo.

Seguidamente a escala, agora já traduzida, foi aplicada a uma pequena amostra de estudantes universitários; (cerca de 60 sujeitos). Foram analisadas as respostas obtidas no sentido de se perceber até que ponto a escala fazia sentido e era compreendida pela amostra, obtendo-se um resultado bastante significativo;

b) Relativamente à Escala de ansiedade perante a Morte, o procedimento foi o mesmo utilizado para a escala anteriormente referida, contudo a tradução da escala foi feita da língua Espanhola para a língua Portuguesa, a partir do livro de D. Templer - «La ansiedad ante la muerte, 1979», referido na bibliografia deste trabalho;

Num segundo momento, e depois da preparação dos instrumentos de avaliação, seguiu-se a sua aplicação. Foi pedido autorização à direcção do curso em questão para que a aplicação dos questionários decorresse durante o período de aulas escolares.

Assim, e para cada turno escolar, manhã/tarde/noite, aplicamos os instrumentos aos sujeitos presentes num total de 200. A aplicação decorreu em Novembro de 1996, e durou cerca de uma hora. Tentamos reunir condições semelhantes para todos os sujeitos pelo que a aplicação decorreu num só dia, dentro da sala de aula.

Durante e após a aplicação dos instrumentos não houve quaisquer comentários que nos levassem a pôr em causa a compreensão dos mesmos ou da tarefa em si.

Num terceiro momento, seleccionamos os instrumentos aplicados, rejeitando, os que se encontravam incompletos ou cujos os sujeitos não se encontravam na faixa etária determinada para o estudo. O número final foi de 133 questionários, constituindo assim a amostra em estudo.

Num quarto momento procedeu-se à introdução dos dados num programa Estatístico - SPSS, versão 8.0, e posteriormente, ao tratamento e análise dos dados obtidos, procurando encontrar possíveis conclusões, como podemos observar nos próximos capítulos deste trabalho.

7. População

A população em estudo é constituída por alunos do primeiro ano de um Curso Superior da área de Lisboa. Da população total foi seleccionada a amostra do nosso estudo.

8. Amostra

Numa primeira fase, foram aplicados os dois instrumentos que compõe o estudo a 200 estudantes , abrangendo a totalidade de turmas em regime diurno e nocturno do curso.

Numa segunda fase, procedeu-se à análise dos protocolos de avaliação dos instrumentos, seleccionando deste modo os questionários dos sujeitos que iriam constituir a nossa amostra final de estudo.

Para tal tivemos em conta como critérios de selecção, os estudantes inscritos pela primeira vez num curso superior, partindo do pressuposto que assim estariam todos em igualdade de circunstâncias em termos de percurso escolar universitário; os estudantes com idades compreendidas entre os 20 anos e os 26 anos.

Numa terceira fase e para proceder à caracterização sistemática da amostra de estudo, analisamos as informações recolhidas durante o período de avaliação. Estas informações foram agrupadas em 15 questões e retiradas do estudo realizado em 1988,

pelo Professor Doutor Eurico de Figueiredo (Portugal - os próximos 20 anos - vol. II, FCG), obra citada na bibliografia (ver anexo).

Da totalidade de informações recolhidas seleccionamos cinco critérios de caracterização que nos pareceram os mais adequados ao nosso estudo.

Assim, consideramos como critérios de caracterização da amostra:

1. Sexo;
2. Idade - Data de Nascimento;
3. Estado Civil;
4. Situação no Trabalho (Estudante/Estudante Trabalhador);
5. Situação Financeira

8.1. Caracterização da Amostra em Estudo

Tendo em conta os critérios de caracterização da nossa amostra de estudo acima referidos, após organizarmos as informações obtidas, podemos referir que relativamente ao primeiro critério - Sexo, e a partir do Quadro 1, que 17.0% da amostra em estudo são estudantes do sexo masculino e que 83.0% são estudantes do sexo feminino.

Quadro 1- Sexo

SEXO	N	%
MASCULINO	23	17,3%
FEMININO	110	82,7%
TOTAL	133	100,0%

Quadro 2- Data de Nascimento

Ano	Frequência (N)	%
1972	12	9,0%
1973	7	5,3%
1974	19	14,3%
1975	23	17,3%
1976	25	18,8%
1977	20	15,0%
1978	27	20,3%
Total	133	100%

Em relação ao critério data de nascimento e após observação do quadro 2 podemos verificar que a maior percentagem de sujeitos tem 18 anos de idade (ano de 1978), registrando-se uma percentagem menor de estudantes de 25/26 anos de idade.

Quadro 3 - Estado Civil

Estado Civil	Frequência (N)	%
Solteiro	126	94,7%
Casado	3	2,3%
Junto	2	1,5%
Não Respondeu	2	1,5%
Total	133	100%

Verificamos que a grande maioria da nossa amostra (94.7%), é composta por jovens adultos solteiros.

O quarto e quinto critérios (Situação no Trabalho e Situação Financeira) respectivamente, evidenciaram também esta ideia de que a grande percentagem da amostra em estudo é composta por jovens estudantes (68.4%), que vivem de mesada (40.6%) ou sem rendimentos de espécie alguma ((21.0%). Apenas 22.6% da amostra em estudo têm ordenado fixo, como podemos observar nos quadros 4 e 5.

Quadro 4 - Situação no Trabalho

Situação no Trabalho	N	%
Estudante	91	68.4%
Estudante/Trabalhador	42	31.6%
Total	133	100,0%

Quadro 5 - Situação Financeira

Situação Financeira	Frequência (N)	%
Ordenado Fixo	30	22,6%
Peq. Trabalhos	20	15,0%
Mesada	54	40,6%
S/ Rendimento	28	21,1%
Não Respondeu	1	0,8%
Total	133	100%

Estes critérios acima apresentados para a caracterização da nossa amostra de estudo, permite-nos operacionalizar uma das variáveis em estudo: a Maturidade, conceito definido segundo dois níveis: maturidade alta e maturidade baixa, a partir do critério situação financeira. O quadro 6 apresenta essa operacionalização.

Quadro nº 6 - Caracterização da Variável Maturidade

<i>Maturidade</i>	N	SITUAÇÃO NO TRABALHO		MÉDIA IDADES	ESTADO	CIVIL
		Estudante Trabalhador	Estudante		Casado	Solteiro
ALTA	50	74,0%	26,0%	74,5%	100%	34,0%
BAIXA	83	6,0%	94,0%	76,1%	-	66,0%

Podemos portanto, verificar que na nossa amostra de estudo, não existem diferenças significativas ao nível da média de idades nos dois grupos para a variável Maturidade, sendo no entanto, significativas as diferenças encontradas na percentagem de sujeitos que em termos de Maturidade Alta, são essencialmente trabalhadores-estudantes (74.0%) e casados (100%) e de Maturidade Baixa em que, 94.0% são estudantes e solteiros (66.0%).

9. Tratamento Estatístico

O Tratamento Estatístico dos dados recolhidos através dos instrumentos de Estudo, foi composto por três grandes etapas.

Numa primeira etapa, procedemos à análise descritiva das respostas obtidas nas Escalas de Imortalidade Simbólica e de Ansiedade Perante a Morte. Esta análise consistiu no cálculo da frequência item a item, média e desvio padrão para a escala total.

Numa Segunda etapa, procedeu-se à análise da consistência interna de ambas as escala referenciadas, com o cálculo do coeficiente de Alfa de Cronbach.

Numa terceira etapa, procedeu-se, ao teste das hipóteses: análise do teste t e nível de significância, de acordo com as variáveis em estudo: sexo e maturidade.

Por fim, procedeu-se à Análise Correlacional das respostas obtidas nas duas escalas de suporte ao estudo, através do Coeficiente de Correlação de Pearson.

9.1 Análise Descritiva

9.1.1 Escala de Imortalidade Simbólica

A análise desta escala será realizado tendo em conta os resultados obtidos item a item em cada uma das cinco subescalas que compõe a escala total: Religião; Natureza; Criatividade; Biologia e Experiencial. Os valores variam de 1 a 5 (*1 implica concordo completamente e 5 discordo completamente*), em que os valores mais baixos corresponde um maior sentimento de imortalidade e vice-versa.

• Subescala Religião

Quadro 7 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Religião

Itens	Respostas					MÉDIA	D. P.
	CC	C	NC/ND	D	DC		
1	1,5	12,0	23,3	38,3	24,8	3,73	1,02
2	0,8	7,5	29,3	31,6	30,8	3,84	0,98
3	1,5	8,3	22,6	34,6	33,1	3,89	1,01
4	3,0	11,3	18,0	39,9	27,8	3,78	1,07
5	3,8	7,5	30,1	36,1	22,6	3,66	1,03
6	6,0	18,0	39,8	16,5	19,5	3,26	1,12

Legenda: CC - Concorde Completamente; C - Concorde; NC/ND - Não Concorde Nem Discorde; D - Discorde; DC - Discorde Completamente.

Podemos observar a partir do quadro 7 que existe uma maior predominância de respostas discordantes com as situações analisadas nesta subescala, assim como os sujeitos da amostra parecem tomar uma posição de indiferença perante as situações religiosas na sua relação com a existência. Como se pode observar no item 6 - "*morrer é*

elevant-nos a uma mais alta existência", cuja a resposta ao contrário dos restantes itens, é essencialmente de indiferença (39.8%). As frequências distribuem-se nesta subescala de forma relativamente homogénea, no sentido da discordância (com uma variação entre 36.0% e 67.7%), o que denota uma tendência para um baixo valor atribuído à expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica.

Em relação à média e desvio padrão, não existem grandes diferenças entre os valores médios e desvio padrão dos vários itens, sendo de sinalizar o item 6 já referido, na medida em que é o que apresenta um valor médio inferior aos restantes, assim um desvio padrão ligeiramente superior, o que será revelador de que a questão colocada pelo item manifesta alguma oposição de consideração por parte dos sujeitos.

• **Subescala Natureza**

Quadro 8 - Percentagem de Resposta, média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Natureza

Itens	Respostas					MÉDIA	D. P.
	CC	C	NC/ND	D	DC		
7	36,8	54,9	6,8	0,0	1,5	1,74	0,71
8	27,1	44,4	24,1	2,3	2,3	2,08	0,90
9	22,6	32,3	32,3	8,3	4,5	2,40	1,07
10	37,6	40,6	14,3	6,0	1,5	1,93	0,95
11	18,8	37,6	33,1	6,8	3,8	2,39	0,99
12	25,6	33,1	29,3	7,5	4,5	2,32	1,08

Legenda: CC - Concordo Completamente; C - Concordo; NC/ND - Não Concordo Nem Discordo; D - Discordo; DC - Discordo Completamente.

A partir da leitura do quadro 8, podemos verificar que a posição tomada pelos

sujeitos da amostra é oposta à verificada na subescala anterior. Nesta subescala existe uma tendência para valorizar o contacto do homem com a Natureza e a continuidade desse contacto, visto que as maiores percentagens de respostas se encontram de acordo com a resposta concordante, o que denota a importância atribuída à expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica. A percentagem varia entre 54.9% e 91.7% de respostas.

Também se verifica, no entanto, uma certa indiferença de resposta dos sujeitos (percentagens relativamente elevada no critério não concordo/nem discordo), para os itens 8 *"existo na natureza e a natureza existe em mim"* (24.1%); 12 *"sinto-me ainda mais vivo quando me encontro só com a natureza"* (29.3%).

Existe uma certa homogeneidade, nesta distribuição, no grau de importância atribuída às questões da natureza, com uma valorização particular do item 7. - *"o estar com a natureza dá uma sensação de paz e tranquilidade à minha vida"* - (91.7%).

Relativamente aos valores médios e desvio padrão regista-se uma certa homogeneidade de valores médios, registando-se contudo alguma diferença de média para o item *"estar com a natureza dá a sensação de paz e tranquilidade à minha vida"* (média = 1.74), assim como se verifica valores de dispersão muito semelhantes, para todos os itens.

• **Subescala Criatividade**

Quadro 9 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala da Criatividade

Itens	Respostas					MÉDIA	D. P.
	CC	C	NC/ND	D	DC		
13	30,1	36,8	24,1	7,5	1,5	2,14	0,98
14	44,4	44,4	6,8	3,8	0,8	1,72	0,81
15	42,1	36,1	16,5	5,3	0,0	1,85	0,88
16	18,8	32,3	35,3	8,3	5,3	2,49	1,06
17	39,8	45,1	9,8	3,0	2,3	1,83	0,89
18	19,5	34,6	35,3	6,8	3,8	2,41	1,00

Legenda: CC - Concordo Completamente; C - Concordo; NC/ND - Não Concordo Nem Discordo; D - Discordo; DC - Discordo Completamente.

A tendência anteriormente descrita, para a subescala Natureza, é também observado nesta subescala Criatividade, ou seja, há uma valorização significativa das situações que expressão um sentimento de imortalidade simbólica na sua forma criativa bem como a sua importância para a existência do ser, ou seja, verifica-se percentagens elevadas nas respostas concordantes, com uma variação entre 51.1% e os 88.7%, com especial referência aos itens 14 *"é importante para mim saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim"* (88.7%); e 17 *"quando olho para trás, é importante saber para mim que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas"* (85.0%). Também se verifica uma certa indiferença de resposta perante estas questões de expressão criativa nas afirmações 13 *"é importante saber para mim que, depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que eu fiz"* (24.1%); 16 *"muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi devido ao meu*

trabalho ou ao que realizei" (35.3%); e 18 *"depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que construí ou criei"* (35.3%). A distribuição da importância atribuída às diferentes afirmações revela uma certa homogeneidade, de importância atribuída às mesmas.

Relativamente aos valores médios, observamos algumas diferenças significativas, pelo que constatamos que os itens que revelam valores médios mais baixos, significam uma maior atribuição de sentido à expressão criativa, e que são: 14 *"é importante para mim saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim"* (média = 1.72); 15 *"é importante escrever, criar alguma coisa que ficará para além da minha morte"* (média = 1.85); 17 *"quando olha para trás, é importante saber para mim que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuaram a ajudar as pessoas"* (média = 1.83), observando-se também que estes itens apresentam um nível de dispersão inferior, revelador do nível de concordância partilhada por grande percentagem de sujeitos (um desvio padrão que varia entre os valores 0.81 e 0.89).

• **Subescala Biologia**

Quadro 10 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Biologia

Itens	Respostas					MÉDIA	D. P.
	CC	C	NC/ND	D	DC		
19	69,9	22,6	6,0	0,8	0,8	1,40	0,71
20	33,8	33,8	24,1	6,0	2,3	2,09	1,01
21	42,1	32,3	19,5	3,8	2,3	1,92	0,99
22	27,1	36,1	28,6	8,3	0,0	2,18	0,93
23	30,1	45,9	18,0	5,3	0,8	2,01	0,87
24	30,1	31,6	21,1	13,5	3,8	2,29	1,15

Legenda: CC - Concordo Completamente; C - Concordo; NC/ND - Não Concordo Nem Discordo; D - Discordo; DC - Discordo Completamente.

A partir do quadro 10, podemos observar que os laços familiares biológicos são valorizados por estes sujeitos de uma maneira geral - existe uma certa homogeneidade na importância atribuída às questões focadas (com uma variação de percentagem - 61.7% - 92.5%), sendo de destacar a supervalorização da afirmação 19 "*farei tudo para assegurar o futuro dos meus filhos*", (92.5%). Também se verifica um nível significativo de indiferença aos conteúdos das afirmações apresentadas, com excepção do item 19 já referido.

Relativamente aos valores médios, observamos que o valor mais baixo e também o mais significativo, é o atribuído ao item 19 (média = 1.4) comparativamente com os valores médios dos outros itens que variam em termos médios entre 1.92 e 2.3; o mesmo se observa em relação à dispersão: o valor obtido é de 0.71 para este item.

• **Subescala Experiencial**

Quadro 11 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Experiencial

Itens	Respostas					MÉDIA	D. P.
	CC	C	NC/ND	D	DC		
25	41,4	38,3	15,0	5,3	0,0	1,84	0,87
26	55,6	37,6	5,3	0,8	0,8	1,53	0,70
27	47,4	36,1	13,5	2,3	0,8	1,73	0,84
28	42,1	35,3	19,5	3,0	0,0	1,83	0,84
29	31,2	42,0	17,8	8,3	0,6	2,08	0,95
30	30,1	42,1	18,0	9,0	0,8	1,73	0,76

Legenda: CC - Concordo Completamente; C - Concordo; NC/ND - Não Concordo Nem Discordo; D - Discordo; DC - Discordo Completamente.

Na expressão experiencial do sentimento de imortalidade simbólica, continua-se a verificar que os sujeitos valorizam significativamente estas afirmações de reorientação psicológica através de experiências ligadas às artes e expressões criativas, que dão um sentido positivo à existência do indivíduo. Observa-se especialmente uma maior percentagem de resposta no item 26 *"é importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades"* (93.2%).

É curioso observar que nesta subescala, o nível de indiferença às questões aqui focadas é muito menos significativo do que o encontrado nas outras subescalas, pois as percentagens de resposta dos sujeitos variam entre 5.3% e 18.0%.

Estes resultados evidenciam o valor significativo atribuído pelos sujeitos a este modo de expressão do sentimento de imortalidade simbólica.

Relativamente aos valores médios obtidos verificamos que são relativamente

homogêneos, variando em termos médios entre 2.1 e 1.54, correspondendo o primeiro ao item 29 *"o que dá sentido à vida são algumas das boas experiências que tive"*, e o segundo ao item 26 *"é importante viver a vida ao máximo aproveitando todas as oportunidades"*, revelador de grande significado de atribuição. Os níveis de dispersão revelam o mesmo sentido no que diz respeito à homogeneidade e concordância do grupo de sujeitos face às afirmações mais valorizadas ou menos.

Podemos observar pela leitura destes quadros e num primeiro momento que, existe uma certa identificação dos sujeitos da amostra com questões que contribuem para a sua continuidade e para o sentido da sua existência. O modo de expressão religioso parece ser o mais sentido de forma indiferente e ao mesmo tempo negativo por estes sujeitos. Contudo, não se observa uma grande dispersão de resultados, havendo uma tendência geral para as escolhas mais positivas. Também se verifica que o modo de expressão experiencial parece ser o mais significativo para o grupo de sujeitos que lhe atribui um maior sentimento de imortalidade simbólica.

9.1.2. Escala de Ansiedade Perante a Morte

A análise da escala será feita item a item, na qual os valores atribuídos variam entre 1 (concordo) e 2 (discordo), o que implicará que para os itens da subescala verdadeira - altos valores obtidos denotam baixa ansiedade perante a morte e baixos valores, alta ansiedade perante a morte. Enquanto que para os itens da subescala falsa, os altos valores obtidos revelam alta ansiedade e os baixos valores baixa ansiedade.

Quadro 12 - Percentagem de Respostas, Média e Desvio Padrão,
Item a Item para a Escala de Ansiedade Perante a Morte

Itens	Respostas	%	MÉDIA	D. P.
1	C	47,4	1,53	0,50
	D	52,6		
2 *	C	45,9	1,54	0,50
	D	54,1		
3 *	C	70,7	1,29	0,46
	D	29,3		
4	C	41,4	1,59	0,49
	D	58,6		
5 *	C	29,3	1,71	0,46
	D	70,7		
6 *	C	27,8	1,72	0,45
	D	72,2		
7 *	C	22,6	1,77	0,42
	D	77,4		
8	C	54,9	1,45	0,50
	D	45,1		
9	C	85,7	1,14	0,35
	D	14,3		
10	C	38,3	1,62	0,49
	D	61,7		
11	C	57,9	1,42	0,50
	D	42,1		
12	C	65,4	1,35	0,48
	D	34,6		
13	C	45,1	1,55	0,50
	D	54,9		
14	C	46,6	1,563	0,50
	D	53,4		
15 *	C	21,1	1,79	0,41
	D	78,9		

Legenda: C - Concordo; D - Discordo.
* Itens da Subescala Falsa

Para o item 1 "*tenho muito medo de morrer*", não existem grandes diferenças entre a resposta afirmativa (47.4%) e a discordante (52.6%), embora com maior tendência para a resposta que implica baixa ansiedade perante a morte. Também se pode observar que o valor médio deste item (média = 1.59), não apresenta uma diferença significativa relativamente aos valores médios obtidos pelos outros itens, o que reforça a ideia de que a maioria dos sujeitos se coloca numa posição intermédia.

Também o nível de dispersão (DP = 0.50) é revelador desta situação.

Para o item 2 "*Raramente me vem à cabeça a ideia de morte*", também não se verifica uma diferença muito significativa entre a resposta afirmativa (45.9%) e a resposta discordante (54.1%), por parte dos sujeitos, embora exista uma maior tendência para valores altos de ansiedade perante a morte. O valor média de resposta obtido, 1.54 e o desvio padrão 0.50, são reveladores desta indiferença.

Para o item 3 "*não fico nervoso quando as pessoas falam de morte*", verificamos uma diferença bastante significativa entre a afirmação (70.7%) e a discordância (29.3%), reveladora de valores baixos de ansiedade, comprovado pelo valor médio obtido (1.29) e o desvio padrão (0.46).

No item 4 "*horroriza-me pensar que poderei vir a ser operado*", o movimento dos sujeitos é semelhante ao encontrado anteriormente, no qual a resposta afirmativa (41.4%) e a discordante (58.6%) não apresentam uma diferença muito significativa, embora se denote uma maior tendência para valores de baixa ansiedade. O valor médio (1.59) e o desvio padrão (0.49), reforçam esta indiferença.

O item 5 "*não tenho medo nenhum de morrer*", a tendência de resposta do grupo

de sujeitos inverte a sua valência, pois a discordância (70.7%) e significativamente superior à afirmação (29.3%) revelando alta ansiedade perante a morte. E neste sentido o valor médio (1.71) é ligeiramente superior aos valores verificados para os outros itens já referidos. O valor do desvio padrão (0.46) não apresenta diferenças relativamente aos outros valores encontrados.

Para o item seguinte (6) "*não estou especialmente temeroso de vir a ter um cancro*", a grande maioria dos sujeitos discorda (72.2%), relativamente aos que concordam (27.8%), o que é revelador de alta ansiedade. Também para este item o valor médio (1.72) é revelador da importância atribuída a este medo. Mais uma vez não se verifica uma grande dispersão de valores (DP = 0.45).

Para o item 7 "*a ideia de morte nunca me perturba*", verifica-se uma diferença bastante significativa relativamente à resposta discordante (77.4%) e a resposta concordante (22.6%), o que é revelador mais uma vez de alta ansiedade, tal como já tinha sido verificado no item 5 "*não tenho medo nenhum de morrer*". O valor médio é significativo (1.77) e a dispersão de respostas mantém uma certa consistência (DP = 0.42) com os restantes itens.

Para o item 8 "*muitas vezes sinto-me mal quando o tempo passa depressa*", existe um certo equilíbrio ao nível das respostas (54.99% de resposta concordo e 45.1% de resposta discordo), com uma ligeira tendência para a alta ansiedade. O valor médio (1.45) revela uma certa homogeneidade de resposta, e não se verifica uma grande dispersão de valores (DP = 0.50).

No item 9 "*tenho medo de vir a Ter uma morte dolorosa*", observamos que a

grande maioria da amostra responde afirmativamente ao item (85.7), e que apenas 14.3% dos sujeitos discorda. Este item é revelador de uma elevada ansiedade perante a morte neste grupo de sujeitos. Podemos desde já salientar que este item é considerado o mais valorizado como gerador de ansiedade nos sujeitos da amostra. Esta situação é observada pelo valor médio obtido (1.14) e pela análise da dispersão ($DP = 0.35$), que são indicadores da tendência afirmativa e valorizativa da afirmação em causa.

Para o item 10 "*o tema da vida para além da morte, preocupa-me muito*", existe uma maior tendência para a resposta discordante (61.7%), comparativamente com a resposta concordante (38.3), o que é revelador de valores de baixa ansiedade perante a morte. O valor médio (1.62) e a dispersão ($DP = 0.49$), encontram-se equilibrados com a maioria dos itens já analisados, não registando uma diferença muito significativa.

Para o item 11 "*assusta-me vir a Ter um ataque cardíaco*", as respostas apresentam um certo equilíbrio, embora haja uma maior tendência para a resposta afirmativa (57.9%), em relação à discordante (42.1%), o que implica alguma ansiedade sentida em relação a esta questão. O valor médio (1.42) e a dispersão ($DP = 0.50$), apresentam uma certa homogeneidade de valores comparativamente aos outros itens.

No item 12 "*frequentemente penso que a vida é realmente curta*", as respostas são na sua maioria positivas (65.4% e apenas 34.8% são negativas), o que revela alguma ansiedade perante a afirmação, tendência revelada pelo valor médio (1.35), e pela dispersão ($DP = 0.48$).

Para o item 13 "*fico perturbado quando as pessoas falam da terceira guerra mundial*", existe algum equilíbrio ao nível das respostas (45.1% para as positivas e

54.9% para as negativas), embora com uma ligeira tendência para valores que revelam baixa ansiedade perante a morte. O valor médio (1.55) e a dispersão (DP = 0.50), são reveladores dessa situação.

Para o item 14 "*horroriza-me ver um cadáver*", existe uma certa homogeneidade das opções (46.6% para as respostas concordantes e 53.4% para as respostas discordantes), mantendo-se a tendência anteriormente verificada para a baixa ansiedade revelada. O valor médio (1.53) e a dispersão (DP = 0.50) mantém-se homogêneos, comparativamente aos outros valores verificados para os restantes itens.

Para finalizar, no item 15 "*penso que o futuro não me trará nada que eu receie*", existem diferenças significativas nas opções feitas (78.9% nas respostas discordo e 21.1% nas respostas concordo), com uma grande tendência para a resposta negativa, reveladora de ansiedade. Tal como já tinha acontecido anteriormente o valor médio obtido (1.80), é bastante superior ao encontrado para os diversos itens na generalidade, assim como a dispersão (DP = 0.41) é ligeiramente inferior.

Em conclusão, podemos referir que existe alguma variabilidade de resultados, com tendência para valores não muito altos ao nível da ansiedade perante a morte, com exceções de situações como a possibilidade de uma morte dolorosa (itens 6 e 9), ou a negação da própria morte (item 5), observando-se também que existe uma certa preocupação com o futuro e a possibilidade de uma vida curta (itens 12 e 15).

Da mesma forma que o falar da morte ou debater temáticas sobre o que existirá para além da morte (itens 3 e 10), não causam ansiedade à maioria dos sujeitos.

9.2. Análise da Consistência Interna da Escala de Imortalidade Simbólica e da Escala de Ansiedade Perante a Morte

De modo a calcularmos a fidelidade das escalas, procedemos estatisticamente ao cálculo do coeficiente de Alfa Cronbach associado aos factores, como podemos observar pelo quadro 13.

Quadro 13 - Alfa de Cronbach, Média e Desvio Padrão

<i>Subescalas</i>	ALFA	MÉDIA	D. P.
Modo Religioso	0,84	3,74	0,95
Modo Natureza	0,85	2,14	0,73
Modo Criatividade	0,81	2,07	0,67
Modo Biologia	0,77	1,98	0,65
Modo Experiencial	0,80	1,79	0,59
Escala da Ansiedade - Verdadeira	0,60	1,46	0,24
Escala da Ansiedade - Falsa	0,55	1,64	0,25

Podemos referir que os vários modos de imortalidade simbólica obtiveram altos coeficientes de alfa de Cronbach, em que alfa é superior a 0.75, o que é bastante significativo.

Também se obtiveram valores médios para os diferentes modos, situados entre 1.79 e 3.74, e um desvio padrão variável entre 0.59 e 0.95 (ligeiramente abaixo de 1.5). É de referir contudo, que entre os diferentes modos de imortalidade simbólica, existem diferenças significativas entre os valores médios e os valores de desvio padrão, evidenciando-se o modo religioso, cujo o valor médio é bastante superior (média de 3.74), assim como a dispersão (DP de 0.95).

Estes valores parecem indicar que as respostas dos sujeitos se mantêm mais ou menos homogêneas para os diferentes modos de imortalidade simbólica, exceptuando o modo religioso em que existe discrepância nas respostas.

Para a escala de Ansiedade Perante a Morte, o cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach para a totalidade dos 15 itens, definiu um valor de alfa pouco significativo e em virtude dessa situação, foram calculados os coeficientes de alfa de Cronbach para o conjunto de itens da subescala Verdadeira (afirmação positiva), e da subescala Falsa (afirmação negativa). Os alfas encontrados foram de 0.60 para a subescala Verdadeira e de 0.55 para a subescala Falsa. Estes valores embora sejam mais elevados que o valor de alfa encontrado para a escala, ainda são ligeiramente inferiores a um valor ideal. Os valores médios obtidos para as duas subescalas não apresentam diferenças significativas entre si (média de 1.46 para a subescala Verdadeira e média de 1.64 para a subescala Falsa), o mesmo acontecendo com os valores da dispersão (DP de 0.24 para a subescala Verdadeira e DP de 0.25 para a subescala Falsa).

9.3. Teste das Hipóteses

A estatística utilizada neste ponto baseia-se no calculo da Nota T e do nível de significância para cada uma das hipóteses formuladas neste estudo.

• Hipótese 1

«Existem diferenças significativas no sentimento de imortalidade simbólica entre os sexos: os indivíduos do sexo feminino apresentam um maior desejo de imortalidade simbólica do que os indivíduos do sexo masculino».

Quadro 14 - Teste t para H1

<i>Subescalas</i>	M É D I A		DESVIO PADRÃO		t	p
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino		
Modo Religioso	4,27	3,63	1,56	0,73	3,045	*
Modo Natureza	2,10	2,15	0,87	0,70	-0,317.	n.s.
Modo Criatividade	2,12	2,06	0,67	0,67	-0,349.	n.s.
Modo Biologia	2,16	1,94	0,80	0,61	1,459	n.s.
Modo Experiencial	1,63	1,83	0,52	0,59	-1,460	n.s.

Nota: * $P \leq 0.05$; ** $P \leq 0.01$; *** $P \leq 0.001$; n.s. - não significativo.

De acordo com o quadro acima apresentado, observamos que não existem diferenças significativas entre os sexos para os diferentes modos de imortalidade

simbólica, exceptuando o Modo Religioso, que evidência uma diferença significativa para $p \leq 0.05$. Os valores médios obtidos e a dispersão revelam por seu lado, uma certa homogeneidade de resposta entre os sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino, para os diferentes modos, exceptuando o Modo Religioso, cujos valores da média e desvio padrão são muito superiores aos encontrados nos outros modos. O valor médio obtido pelo grupo de sujeitos do sexo masculino é superior (média de 4.27), tal como a dispersão(1.56), comparativamente aos sujeitos do sexo feminino (média de 3.63 e DP de 0.73).

Podemos inferir que não existem diferenças significativas no sentimento de imortalidade simbólica entre os sexos para os modos: Natureza, Criatividade, Biologia e Experiencial. Para o Modo Religioso, encontramos diferenças significativas revelando um maior valor atribuído ao sentimento de imortalidade simbólica para o grupo de sujeitos do sexo feminino.

• **Hipótese 2**

«Existem diferenças significativas na ansiedade perante a morte entre os sexos: os indivíduos do sexo feminino apresentam um maior nível de ansiedade perante a morte do que os indivíduos do sexo masculino».

Quadro 15 - Teste t para H2

<i>Escala</i>	M É D I A		DESVIO PADRÃO		t	p
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino		
Ansiedade	1,55	1,53	0,11	0,12	0,747	n.s.

Nota: * $P \leq 0.05$; ** $P \leq 0.01$; *** $P \leq 0.001$; n.s. - não significativo.

De acordo com o quadro acima apresentado, podemos observar que não existem diferenças significativas entre os sexos para a Ansiedade perante a Morte. Os valores médios obtidos para os dois grupos de sujeitos (média de 1.53 para o sexo feminino e média de 1.55 para o sexo masculino), e os valores da dispersão (DP de 0.12 para o sexo feminino e DP de 0.11 para o sexo masculino) revelam uma grande homogeneidade de resposta.

• Hipótese 3

«Existe uma associação entre o sentimento de imortalidade simbólica e o nível da maturidade: quanto maior o nível de maturidade do indivíduo, maior o desejo de imortalidade simbólica».

Quadro 16 - Teste t para H3

Subescalas	MATURIDADE	MÉDIA	D. P.	t	p
Modo Religioso	<i>Alta</i>	3,86	0,75	1,102	n.s.
	<i>Baixa</i>	3,67	1,04		
Modo Natureza	<i>Alta</i>	2,12	0,80	-0,352	n.s.
	<i>Baixa</i>	2,16	0,69		
Modo Criatividade	<i>Alta</i>	2,15	0,72	1,094	n.s.
	<i>Baixa</i>	2,02	0,65		
Modo Biologia	<i>Alta</i>	1,97	0,67	-0,154	n.s.
	<i>Baixa</i>	1,99	0,64		
Modo Experiencial	<i>Alta</i>	1,69	0,41	-1,567	n.s.
	<i>Baixa</i>	1,85	0,66		

Nota: * $P \leq 0.05$; ** $P \leq 0.01$; *** $P \leq 0.001$; n.s. - não significativo.

De acordo com a leitura do quadro 16, podemos observar que não existem diferenças significativas entre o nível de maturidade e os diferentes modos de imortalidade simbólica, pelo que não se encontra uma associação significativa entre estas duas variáveis.

No entanto observamos também que de acordo com os valores médios obtidos, o nível de maturidade alta apresenta valores ligeiramente superiores no sentimento de imortalidade simbólica nos seus diferentes modos, à excepção dos Modos Religião e Criatividade e, que apresentam um valor médio de maturidade alta (média = 3.86 e média = 2.15 respectivamente) superior ao valor médio de maturidade baixa (média = 3.67 e média = 2.02 respectivamente), o que indicará que este segundo grupo de sujeitos apresenta um maior sentimento de imortalidade simbólica através da expressão individual ao nível do trabalho e das crenças religiosas. Contudo a diferença não é muito significativa.

É de referenciar também que para ambos os níveis de maturidade, o Modo Experiencial é o mais valorizado (M. alta - média = 1.69; M. baixa média = 1.85), e o Modo Religioso é o mais desvalorizado (M. alta - média = 3.86; M. baixa média = 3.67), como formas de expressão do desejo de Imortalidade Simbólica.

• Hipótese 4

«Existem uma associação entre a ansiedade perante a morte e o nível da maturidade: um nível de maturidade alta implica um menor nível de ansiedade perante a morte»

Quadro 17 - Teste t para H4

ESCALA	MATURIDADE	MÉDIA	D. P.	t	p
Ansiedade	<i>Alta</i>	1,53	0,14	-0,194	n.s.
	<i>Baixa</i>	1,54	0,11		

Nota: * $P \leq 0.05$; ** $P \leq 0.01$; *** $P \leq 0.001$; n.s. - não significativo.

De acordo com o quadro 17 acima apresentado, podemos observar que não existem diferenças significativas entre a Ansiedade perante a Morte e o nível de maturidade, pelo que não existe uma associação significativa entre as duas variáveis.

Também observamos que não existem diferenças significativas entre os valores médios para os dois níveis de maturidade (M.alta - média = 1.53; M.baixa - média = 1.54), neste grupo de sujeito.

9.4. Análise de Correlações

Com o objectivo de analisar as relações existentes entre o Sentimento de Imortalidade Simbólica e a Ansiedade Perante a Morte neste grupo de sujeitos, procedeu-se a uma análise correlacional a partir do cálculo do coeficiente de Pearson.

• Hipótese 5

«A ansiedade perante a morte é função inversa do sentimento de imortalidade simbólica».

Quadro 18 – Coeficiente de Correlação de Pearson

	Escala de Ansiedade	Modo Biológico	Modo Criativo	Modo Natural	Modo Experiencial	Modo Religioso
Escala de Ansiedade	1,000	,165	,071	,144	,145	,073
Modo Biológico	,165	1,000	,511(**)	,313(**)	,314(**)	,091
Modo Criativo	,071	,511(**)	1,000	,458(**)	,106	,180(*)
Modo Natural	,144	,313(**)	,458(**)	1,000	,111	,205(*)
Modo Experiencial	,145	,314(**)	,106	,111	1,000	-,101
Modo Religioso	,073	,091	,180(*)	,205(*)	-,101	1,000

Nota: * $P \leq 0.05$; ** $P \leq 0.01$; *** $P \leq 0.001$.

Podemos observar a partir do quadro 17, que existem um conjunto de correlações significativas, altamente significativas e extremamente significativas entre os vários modos de Imortalidade Simbólica. Contudo, e de acordo com a nossa hipótese, não se verificou uma correlação significativa entre estas duas variáveis, pelo que a

ansiedade perante a morte neste estudo não se apresenta como uma função inversa de sentimento de Imortalidade Simbólica.

Conclusão

Após um longo percurso, chegamos por fim a um terminar, terminar de algo que poderá ser o início de outro caminho.

Um trabalho desta natureza, permite-nos pensar e reflectir sobre algumas questões, que talvez nunca se nos colocariam senão tivéssemos realizado uma pesquisa, uma procura mais teórica para ir ao encontro das nossas ideias. A sua complexidade prende-se também com o facto de que foi necessário amadurecermos e crescermos um pouco para conseguirmos pensar sobre estas questões de Imortalidade Simbólica e Morte, com algum sentido.

Inicialmente parece-nos uma temática muito simples, mas confrontamo-nos com inúmeras dúvidas, incertezas e incompreensões. Faltava-nos o sentido, a essência da ideia que possibilitava o começar. Talvez por isso, a pesquisa se tenha tornado extremamente interessante e motivadora, para que, apesar das dificuldades de tempo e material, sentidas durante todo este percurso, não desistimos, persistindo em levar a cabo a tarefa a que nos tínhamos proposto.

O estudo do desejo de Imortalidade Simbólica, leva-nos a reflectir e a consciencializar determinados aspectos da nossa vida e da vida dos outros, que muitas vezes estão mascarados pela velocidade a que se processa a vida quotidiana e pelas pressões a que o indivíduo é sujeito nos múltiplos contextos onde existe e nas inter-relações que estabelece. Mas talvez não seja por acaso que estes aspectos estão mascarados. Poderá ser sempre encarado como uma forma de defesa do sujeito contra a ideia de que um dia ele deixará os seus entes queridos, as suas coisas, a sua vida, e do

confronto com a sua morte. Se calhar porque o ser humano precisa de saber que mesmo depois de desaparecer fisicamente continuará a existir, será lembrado, recordado por aqueles a quem dedicou parte da sua energia e por aquelas coisas que dão prazer criar, inventar, pelas crenças e valores, que fizeram o homem sentir-se pertença e pertencer a uma comunidade, a um lugar, a um tempo, a alguém.

Esta ideia de nos defendermo-nos perante o sermos confrontados ou termos de pensar na nossa singularidade e pequenez, foi-nos colocada na própria reacção de alguns sujeitos, quando tiveram de responder a estas questões. Muitos não acharam muito agradável, e para muitos outros, a indiferença foi o sentimento expresso. Talvez, por aquilo que lhes provoca angústia, no sentido de tornar consciente muitos medos inconscientes, muitas incertezas relativamente ao futuro que se lhes apresenta como algo cada vez mais incerto, imprevisível, onde a mudança e o diferente parecem ser as únicas certezas.

O nosso pequeno estudo revelou algumas destas questões, mas pensamos que primeiro é importante referirmos algumas questões de outra natureza e que se prendem mais com a dimensão metodológica do trabalho. Assim, salienta-se que as considerações são válidas apenas para a amostra em estudo neste trabalho, não sendo possível a sua generalização à população estudada, visto a amostra ter dimensões reduzidas.

Por outro lado, existe todo um conjunto de variáveis não controladas, nem analisadas que de alguma forma podem influenciar os resultados finais.

É importante também referir que as escalas utilizadas no estudo são traduzidas e adaptadas para a população portuguesa, mas não estão aferidas, pelo que as diferenças

socio-culturais, políticas, económicas, entre a população americana de onde os instrumentos são provenientes e a população portuguesa, podem invalidar essa mesma tradução e adaptação. Contudo, é possível fazerem-se algumas considerações a partir dos resultados analisados.

Assim, e como se pode observar na análise dos resultados, e no sentido contrário ao obtido nos estudos referidos anteriormente, não encontramos uma correlação significativa entre o sentimento de Imortalidade Simbólica e a Ansiedade perante a Morte, o que nos coloca pertinentemente a questão sobre qual a noção de morte interiorizada e definida por este grupo de sujeitos, sugestionada em parte pelos próprios instrumentos entre outras questões.

É importante também referenciar-mos as tendências encontradas. Observamos neste grupo de sujeitos que existe uma valorização do sentimento de Imortalidade Simbólica, nos Modos Biológico, Natural, Criativo, em especial no Modo Experiencial. Em contra partida, o Modo Religioso aparece muito mais desvalorizado, como forma de fornecer um sentido à vida e à existência do indivíduo.

Estes resultados são interessantes, pois se pensarmos que a grande maioria dos sujeitos em estudo estão a viver uma situação concreta e imediata em termos das suas vidas - o tirar um curso superior, que é um empreendimento imediato com repercussões na sua vida futura, situação que ao preencher grande parte das suas preocupações e interesses, é passível de ser vista como algo que implica produzir, criar, descobrir e ao mesmo tempo sensibilizar para reflectir sobre os propósitos e objectivos das suas próprias vidas. Isto vai no sentido dos resultados de alguns estudos citados

anteriormente neste trabalho, que referem que os jovens adultos estão preocupados em construir uma vida activa e estruturada. Contudo, e apesar de a morte e o seu significado fazer parte da vida, este grupo de sujeitos centra as suas preocupações ao nível da possibilidade de uma morte dolorosa, como o ter um cancro, ou outra doença fatal, talvez porque são situações com as quais o indivíduo se confronta diariamente através da realidade vivida no quotidiano, embora o sentimento expresso de uma certa ambivalência relativamente a isto seja patente, pois a esperança de vida hoje em dia é maior, assim como a morte é sentida como mais longínqua, dando lugar à construção de projectos de vida e aos percursos a percorrer para atingir os objectivos traçados.

Observando os valores obtidos relativamente à maturidade é interessante verificarmos que os jovens estudantes solteiros e sem responsabilidades económicas valorizam e centram as suas preocupações naquilo que estão a realizar ou a construir no momento presente, as suas produções pessoais e também nas suas crenças pessoais e não através dos filhos ou de sentimentos mais intensos e próximos com a natureza. As suas realizações são mais relativas ao futuro que estão a construir através de uma produção académica do que de outros Modos, como acontece com os sujeitos estudantes que são casados e que têm responsabilidades económicas, pelo que as suas preocupações flutuam entre as várias dimensões da sua vida. A responsabilidade social filiativa e económica parece implicar uma maior consciência da vida nas suas várias formas que se complementam, constituindo assim um significado multidimensional das razões da existência humana e ao mesmo tempo a possibilidade dos indivíduos se perpetuarem sob várias formas. No entanto, ambos os grupos partilham da ideia e atribuem uma grande importância ao viver, experienciar situações diferentes e ao prazer de o fazer de forma

agradável excitante e rica.

Ao termos em conta possíveis diferenças entre os sexos, verificamos que ambos valorizam o Modo Experiencial, como forma de encontrar um caminho e ambos desvalorizam o Modo Religioso de imortalidade, em especial o grupo de sujeitos do sexo masculino. Coloca-se a hipótese de que neste grupo a procura de um sentido para a vida, é menos consistente em termos de crenças religiosas, do que através de outros aspectos da vida como a experiência, o contacto com a natureza, as relações com os outros, o que não se verifica tanto ao nível do sexo feminino, embora partilhem da ideia de que as vivências e as relações pessoais e profissionais são importantes. Para este segundo grupo as crenças religiosas continuam a fazer parte integrante das suas vidas, talvez por razões culturais e educativas.

Em relação à Ansiedade perante a Morte, não existem quaisquer diferenças entre os sexos, o que poderá indicar que o tema da Morte, e o seu significado real é partilhado pelo grupo masculino e pelo grupo feminino com a mesma intensidade. Da mesma forma que ao nível da maturidade não existem diferenças muito significativas, talvez porque a faixa etária seja muito homogénea e se reporta a um período da vida dos sujeitos em que o viver e construir o seu caminho preencha a totalidade das suas preocupações, relegando para segundo plano a hipótese de isso não suceder.

Para a nossa última hipótese de trabalho, verificamos que a Ansiedade perante a Morte não aparece como uma função inversa do sentimento de Imortalidade Simbólica neste grupo de jovens adultos, como acontece nos estudos referidos anteriormente neste trabalho. Em função dessa situação, levantamos algumas hipóteses, que poderão

justificar ou dar algumas pistas explicativas. Por exemplo, a atribuição de sentido perante o conceito de morte para este grupo de jovens preocupados com as situações imediatas e por isso dar respostas adequadas ao que lhes é solicitado, pela necessidade de construir o seu futuro, podem ter até certo ponto desvalorizado as temáticas sugeridas pela própria Escala de Ansiedade Perante a Morte, como forma de reafirmação dos seus objectivos de vida; poderá ser também um movimento dos próprios sujeitos no sentido da negação da própria morte, e da incapacidade de lidar ou indisponibilidade para valorizar este tipo de questões. Talvez porque, Morte é aniquilamento daquilo que se constrói, de um futuro que não vai acontecer, daquilo que se perde e de quem se perde, da separação; e hoje em dia da destruição massiva do planeta, da própria vida. Por outro lado, parece-nos pertinente também referir que existe uma hipótese justificativa referente às qualidades métricas do instrumento - Escala de Ansiedade Perante a Morte, pelo facto de que na análise de consistência interna da referida escala, o alfa de Cronbach obtido ter sido inferior a um valor ideal de consistência interna. Pensemos, no entanto que toda a preocupação demonstrada pelo grupo de sujeitos perante os temas apresentados relativamente ao sentimento de Imortalidade Simbólica implica em certa medida a consciencialização dos limites psicológicos do próprio homem, da procura da sua paz interior para a satisfação das suas necessidades espirituais e morais; e o acreditar de que as mudanças se conseguem a partir da procura psíquica, do voltar-se para os meandros psicológicos, para a essência do próprio indivíduo. A aproximação e preservação da natureza, a procura de si próprios nessa aproximação um dos caminhos onde o indivíduo poderá encontrar a sua paz interior, a sua essência, a experiência das vivências possibilitará a construção de um futuro e a ideia de que o indivíduo perdurará eternamente sob a forma de realidades por ele proporcionadas. Mas a não

consciencialização da morte, a não aceitação da mesma é talvez revelador do sentimento de ambivalência e receio do futuro, e daquilo que o mesmo trará. Isto é talvez o resultado de uma sociedade cuja a realidade é a incerteza, onde as separações, o divórcio, as angústias, o isolamento, a mobilidade, o próprio tempo, dissolve a ideia de família e laços familiares permanentes e contínuos, e conseqüentemente favorece o aparecimento da angústia e do experimentar de uma insegurança sem limites, suportadas pela imagem de que tudo escapa ao controlo dos desejos e acções do próprio homem, diminuindo inclusivamente as hipóteses do mesmo ser lembrado pelas pessoas que lhe são próximas.

É revelador também do modo de viver, numa época impessoal que substitui e esquece os indivíduos com uma grande facilidade, o que é contraditório à ideia generalizada por todos de que a própria sociedade defende a noção do imenso valor da vida e da sua preservação.

A própria religião vai deixando de ser considerada como a referência que permite ao ser humano acreditar ou justificar aquilo que o transcende. No nosso estudo o desejo de imortalidade simbólica na dimensão religiosa é o que apresenta uma atribuição de valor mais baixa, revelador de certo modo da passividade e do afastamento dos indivíduos relativamente a esta forma de existência mais espiritual. Ela parece não preencher mais as dúvidas, as inseguranças, nem solucionar os problemas, com os quais o indivíduo se confronta.

Pensamos pois, que o desejo de Imortalidade Simbólica significa encontrar um caminho de crescimento, de individuação necessário para uma maior compreensão de si

próprio, do seu passado/presente/futuro, de poder lidar com a sua vida e morte com menos ansiedade, angústia e sofrimento, possibilitando possivelmente, o aumentar do sentido da vida e da morte psicológicas. Desta forma poderá este trabalho constituir um ponto de partida para o desenvolvimento de futuras investigações, que possibilitem associar estas questões a outras variáveis, como a cultura, a classe social, realizar estudos longitudinais entre gerações, etc., percorrendo um caminho sem fim, mas com futuro.

Bibliografia

Alléon, A.M. et all (1983) - A Interminável Adolescência
Editora Reis, Biblioteca da Educação
Porto.

Arié, P. (1962) - Centuries of Childhood: a Social history of family life
New York, Randon, House, cit. in Azevedo.

Ariés, P. (1975) - Essais sur L'Histoire de la Mort en Occident - Du moyeur Age à nous
Jours
Editions du Seuil.

Azevedo, J. (1992) - Perspectiva Psicossociais no estudo da Identidade
Revista de Sociologia. Fac. de Letras, Porto, vol. 2(1), 1992, pag. 111-119.

Baumeister, R. (19987) - How the Self becaume a problem: A Psychological review of
historial Research Journal of Personality and Social Psychologi, 52,pp 163-176, cit. in
Azevedo.

Benedict, R. (S/D) - Padrões de Cultura
Colecção vida e cultura, edições livros do Brasil
Lisboa.

Bonasia, E. (1992) - Separation et Augoisse de mort
Rev. Franc. de Psychanalise 5, PUF tome LVI, pp. 1651-1657
Paris.

Chamboredou, J.C. (1983) - Adolescência e Pós-Adolescência: A Juvenilização
in a Interminável Adolescência, de Alléon, A.M. et all, Editora Reis, Biblioteca da
Educação
Porto.

Chu, R. (1979) - La Psyché et la Mort: L'espace du Mythe
Revista Franc. Psychanalise 3, PUF Tome XLIII, pp. 421-439
Paris.

Costa, I. (1990) - Identidade Nacional e Social dos Jovens
Análise Social XXV, pp. 675-693.

Costa, M.E. (1991) - Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade
Instituto Nacional de Investigação Científica, Psicologia 13, Centro de Psicologia da
Universidade do Porto
Porto.

Drolet, J.I. (1990) - Transcending Death During Early Adulthood: Symbolic Immortality,
Death Anxiety, and Purpose in Life
Journal of Clinical Psychology, March, Vol. 46. nº 2, pp. 148-160.

Duparc, F. (1990) - Vie et mort des Representations - Symboles et Mouvements du Sens
Nº 6 Tome LIII, pp. 1919-1927.

Erikson, E.M. (1972) - Identidade, Juventude e Crise
Ciências da Educação, Zhar Editores.

Erikson, E.M. (1976) - Infância e Sociedade
Ciências da Educação, Zhar Editores.

Fleming, M. (1993) - Adolescência e Autonomia - O Desenvolvimento Psicológico e a
Relação com os Pais
Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento
Porto.

Fernandes, A.T. (1991) - Modernidade e Eutanásia
Revista de Sociologia. Fac. de Letras, Porto, vol. 1, II série.

Fernandes, A. T. (1993) - A Relação Vida-Morte e Eutanásia
in Revista de Sociologia, faculdade de Letras da Univ. do Porto, Série I, Vol. III
Porto

Figueiredo, E. (1985) - Mudança, Valores e Conflito de Gerações em Portugal
Análise Social XXI, pp. 105-120.

Figueiredo, E. (1988) - Conflito de Gerações, Conflito de Valores
In Portugal - Os Próximos 20 anos, Temas actuais, Fundação Calouste Gulbenkian,
Vol.II
Lisboa.

Figueiredo, E (1993) - Angústia, Ecologia e o Futuro
Gradiva, Lisboa

Figueiredo, E. (1983/85) - Ideologias e Conflitos de Gerações
IED, pp. 171.

Fleming, M.; Aguiar, A. (1992) - A saída de Casa e o Processo de Autonomia em
Jovens Universitários e seus Pais
Revista de Psicologia, 1992, VII, 3, pp. 329-337.

Flournoy, O. - Separation, Instinat de Mort, inconscient
Nº1 tome LIII, PUF, pp. 487-490.

Frazer (S/D) - La Croyance em L'Imortalité e le passage dans la Morte
cit. in Morin, (1971) - O Homem e a Morte
Publ. Europa América, Biblioteca Universitária, nº19 , Edições do Sul.

Giddens, A. (S/D) - Modernity and Self-Identity
London, Polity Press, cit. in Azevedo, (1992) - Perspectiva Psicossociais no estudo da
Identidade
Revista de Sociologia. Fac. de Letras, Porto, vol. 2(1), 1992, pag. 111-119.

Jonhson, R.A. (1996) - O Lado da Psique, a Posse da Sombra
Cap. 1/2, traduzido e adaptado por Algedice Cunha
Évora.

Jung, C.C. (1986) - A Natureza da Psique - As Etapas da Vida Humana
Edições Vozes, Vol VIII/2, 2ª edição, Cap. XVI, pp. 337/353
Petrópolis.

Jung, C.C. (1986) - A Alma e a Morte
Edições Vozes, Vol VIII/2, 2ª edição, Cap. XVI, pp. 357/367
Petrópolis.

Kahu, L. (1992) - Immortelles
Gallimard, nº45 Printemps, Nouvelle Reuve de Psychanalyse, pp. 198.

Kubler-Ross, E. (1992) - Sobre a Morte e o Morrer
Martins Fontes, 5ª Edição
São Paulo.

Lifton, J., Olson, Eric, (1972) - Living and Dying
Praeger Publisheis.

Lipovetsty, G. (1983) - A Era do Vazio
Antropos, Ed. Gallimard, Relógio de Água
Lisboa.

Levine, M.; Perkins, D.V. (1987) - Principles of Community Psychology - Perspectives
and applications
New York: Oxford University Press.

Mahler, M.; Pina, F.; Bergman, A. (1993) - O Nascimento Psicológico da Criança -
Simbiose e Individuação
Artes Médicas, Porto Alegre.

Marcia, J.E., (1986) - Identiti in Adolescence
in J. Adelson /ed), mandbook of adolescent Pscology
New york: Willey e Sons.

Mathews, R.C.; Mister, R.D. (1987-88) - Measuring an Idividual's Instrument in the
Future: Simbolic Immortality, sensation Seeking and Psychic Numbress
OMEGA, Bayuood Publishing Co, Inc., Vol. 18(3), pp. 161-173.

Mathews, R.C.; Kling, K. (1988) - Self Transcendence, Time Perpective, and Psosocial
Behavior
journal of voluntary Action Research, (17)-4-24.

May, R. (S/D - O Homem à procura de si mesmo
Edições vozes, 20ª edição
New York

Mendel, G. (1993) - A Juventude frente ao mundo dos adultos
in A interminável adolescência, de Alleon, A. M. et all, pp. 215/232
Editora Reis, Biblioteca da Educação, Porto.

Menezes, I.; Costa, M.E.; Campos, B.P. (1989) - Valores de Estudantes Universitários
Cadernos de Consulta Psicológica, 5, pp. 53-68.

Moles, A. - Le Temps et L'Adolescent (1981) - Du Futur dans le temps
Institut de Psychologie Sociale, strasbourg.

Morin, E. (1970) - O Homem e a Morte
Publ. Europa América, Biblioteca Universitária, nº19 , Edições do Sul.

Morin, E. (1981) - As Grandes Questões do nosso Tempo
editorial Notícias, coleção Ciência Aberta, 2ª Edição
Lisboa.

M. Pattison, (1974) - The Experince of Dying
Prantice-hall, cit. in Stedeford, pag. 47
London.

Santos, Boaventura Sousa (1988) - Um discurso sobre as ciências
Edições afrontamento, Porto.

Santos, J. (1991) - Ensaio sobre Educação II - O Falar das Letras
Biblioteca do Educador, livros Horizonte.

Schmitt, R.L. (1982) - Symbolic Immortality in Ordinary Contexts: Impediments to the
Nuclear Era.
OMEGA, Bayuood Publishing Co, Inc., pp. 95-116.

Seidman, E. (1983) - Handbook of Social Intervention
Beverly Hills: Sage publications.

Sequeira, F. (1992) - A Propósito da Sintese da Identidade na adolescência
in Revista de Psicologia, VII, nº3, pp. 3171-322.

Stedeford, A. (1986) - Encarando a Morte
Coleção Artes Médicas
Porto Alegre.

Templer, D.; Lonetto, R. (1988) - La Ansiedad ant la Muerte
Zambeletti Espãna, S.A.
Barcelona.

Templer, D.; Lavoise, M.; Chalgujian, H.; Thomas-Dobson, S. (1996) - The measurement
of Death depression
Journal of Clinical Psychology, November, Vol. 46, nº6, pp. 834-839.

Weil, P. (1996) - O que Significa ser Maduro?
Revista de Psicoterapias Breves, Ed. especial, Março, pp. 3-27.

Anexos

Anexo 1

Listagem de Quadros

Quadro 1- Sexo	84
Quadro 2- Data de Nascimento	84
Quadro 3 - Estado Civil	85
Quadro 4 - Situação no Trabalho	85
Quadro 5 - Situação Financeira	86
Quadro 6 - Caracterização da Variável Maturidade	86
Quadro 7 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Religião	88
Quadro 8 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Natureza	89
Quadro 9 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala da Criatividade	91
Quadro 10 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Biologia	93
Quadro 11 - Percentagem de Resposta, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Amostra Total da Subescala Experiencial	94
Quadro 12 - Percentagem de Respostas, Média e Desvio Padrão, Item a Item para a Escala de Ansiedade Perante a Morte	96

Quadro 13 - Alfa de Cronbach, Média e Desvio Padrão	101
Quadro 14 - Teste t para H1	103
Quadro 15 - Teste t para H2	105
Quadro 16 - Teste t para H3	106
Quadro 17 - Teste t para H4	108
Quadro 18 - Coeficiente de Correlação de Pearson	109

Anexo 2

Questionário de Aspirações e Expectativas da Juventude

O presente questionário destina-se à realização de um trabalho de investigação nas áreas de Psicologia.

Agradecemos desde já a sua colaboração, salientando-se que a mesma é muito importante para o nosso estudo.

As informações recolhidas serão sujeitas a sigillio profissional, sendo este questionário Confidencial.

Por favor responda com sinceridade às questões que se seguem.

1. Parte I

O questionário que se segue, composto por varias frases, face ás quais gostaríamos que desse a sua opinião sincera a partir de uma escala de cinco valores, onde:

1. concordo completamente
2. concordo
3. não concordo nem discordo
4. discordo
5. discordo completamente

Leia atentamente cada uma dessas frases e em frente a cada uma delas escreva apenas o numero correspondente a sua opção. No caso de não concordar exactamente com nenhuma das respostas que pode escolher, procure aquela que se aproxima mais da sua opinião.

- 1- O sentido da vida, determinado pelas minhas crenças religiosas.....
- 2- Ser praticante da minha religião assegura-me a paz eterna.....
- 3- O importante é seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização, espiritual depois da morte.....
- 4- Farei quase tudo o que for preciso, para assegurar que vivo a vida segundo as minhas crenças religiosas.....
- 5- O importante é conduzir a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas.....
- 6- Morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência.....
- 7- Estar com a natureza dá uma sensação, de paz e tranquilidade á minha vida.....
- 8- Existo na natureza e a natureza existe em mim.....
- 9- Fazer parte da natureza é uma ajuda importante para a minha realização espiritual.....
- 10- É importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos.....
- 11- A relação fundamental entre o homem e a natureza dá sentido à minha vida.....
- 12- Sinto-me ainda mais vivo quando me encontro só com a natureza.....
- 13- É importante para mim saber que, depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que fiz.....
- 14- É importante para mim saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim.....
- 15- É importante escrever, criar ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte.....
- 16- Muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi devido ao trabalho ou ao que realizei.....
- 17- Quando olho para atrás é importante para mim saber que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas.....
- 18- Depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que fiz ou criei.....
- 19- Farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos.....
- 20- Depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos.....
- 21- É importante saber que os meus entes queridos e as pessoas que me eram próximas, me recordarão depois da minha morte.....
- 22- É importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos.....
- 23- Para mim é importante falar aos meus filhos das gerações passadas, tomando vivas as lembranças dos meus antepassados.....
- 24- É importante para mim ter filhos para assegurar a continuidade da família.....
- 25- Farei quase tudo o que me for agradável ou excitante.....
- 26- É importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades.....

- 27- Dado que a vida é tão curta, é importante aproveitar ao máximo tudo o que é agradável e excitante.....
- 28- Quando olho para trás é importante para mim saber que vivi quase tudo o que a vida tem para dar.....
- 29- O que dá sentido á vida são algumas das boas experiências que tive.....
- 30- Uma vida rica e cheia, é uma vida que capta muitos sentidos diferentes e que reúne uma grande variedade de experiências.....

Face ás frases que se seguem, assinale nos quadrados correspondentes se:

1. concordo
2. discordo

- 31- Tenho muito medo de morrer.....
- 32- Raramente me vem á cabeça a ideia de morte.....
- 33- Não fico nervoso quando as pessoas falam da morte.....
- 34- HorrORIZA-me pensar que poderei vir a ser operado.....
- 35- Não tenho medo nenhum de morrer.....
- 36- Não estou especialmente temeroso de vir a ter um cancro.....
- 37- A ideia de morte nunca me perturba.....
- 38- Muitas vezes sinto-me mal quando o tempo passa depressa.....
- 39- Tenho medo de vir a ter uma morte dolorosa.....
- 40- O tema da vida para além da morte preocupa-me muito.....
- 41- Assusta-me vir a ter um ataque cardíaco.....
- 42- Frequentemente penso que a vida é realmente muito curta.....
- 43- Fico perturbado quando as pessoas falam da Terceira Guerra Mundial.....
- 44- HorrORIZA-me ver um cadáver.....
- 45- Penso que o Futuro não me trará nada que eu receie.....

1. Data de Nascimento:

2. Sexo:

1. Masculino
2. Feminino

3. Naturalidade:

4. Estado Civil:

1. Solteiro(a)
2. Casado(a)
3. A viver com companheiro(a)
4. Divorciado(a)
5. Separado(a)
- 6.

5. Têm filhos:

1. Sim

- a) n.º de rapazes
- n.º de raparigas
- b) idade

2. Não

6. Situação no trabalho:

1. Só estudante
2. Estudante/Trabalhador

7. Têm actividades extra profissionais e/ou escolares:

1. Sim Quais?
2. Não

8. Responda:

1. Têm pai e mãe vivos
2. Só tem pai vivo
3. Só tem mãe viva
4. Não tem pai nem mãe
- 5.

9. Se tem pai e mãe vivos:

1. os seus pais vivem juntos
2. os seu pais vivem separados

10. Com quem vive (a maior parte do tempo):

1. só
2. com companheiro(a)
3. com outros jovens (lar, residência, etc.)
4. com os pais (pai e/ou mãe)
5. com outros familiares
- 6.

11. Qual a sua situação financeira:

1. tem ordenado fixo
2. faz alguns trabalhos que lhe rendem dinheiro
3. recebe uma mesada (quantia fixa) dada pelos pais ou outros
4. recebe bolsa de estudo de um organismo oficial ou particular
5. não recebe nenhuma quantia fixa para fazer face a despesas próprias
- 6.

12. Com quem viveu a maior parte da sua infância (até aos 10 anos de idade):

1. com os pais (com ou sem outras pessoas)
2. com outros familiares (sem os pais)
3. em internato
- 4.

13. Posição Religiosa:

1. Católico Praticante
2. Católico Não Praticante
3. Ateu
4. Outro

14. Local em que habita

1. Rural
2. Intermédio
3. Urbano

Nas cinco perguntas que se seguem, pretendemos que classifique a posição da sua família de origem (pais). Refira-se nas cinco perguntas à pessoa (pai ou mãe) que exerce (exerceu no caso de já ter morrido) a profissão de nível mais elevado.

15. Profissão:

1. quadro superior da Administração Pública ou privada; especialistas das profissões científicas ou técnicas, liberais ou similares; proprietário agrícola de grandes dimensões.
2. empregado de escritório em posição de chefia; operário altamente qualificado; trabalhador especializado; rendeiro de propriedade agrícola de que não é proprietário; proprietário agrícola de propriedade de dimensão média empregando outros trabalhadores.
3. profissional artista trabalhando por conta própria em oficina de dimensões reduzidas; agricultor proprietário de exploração de dimensão familiar.
4. empregado de escritório; funcionário (subordinados em geral); trabalhador agrícola por conta de outrem.
5. pessoal auxiliar; ajudante; jornaleiro.
- 6.

16. Nível de instrução:

1. diploma de ensino universitário ou equivalente (curso superior).
2. diploma de curso técnico ou profissional (curso médio).
3. diploma de ensino secundário, liceal, comercial ou industrial.
4. ensino primário completo (ensino básico).
5. ensino primário incompleto ou nulo.
- 6.

17. Fontes de rendimento:

1. vive principalmente de rendimentos de bens que possui ou do rendimento da actividade liberal exercida.
2. vive principalmente de vencimento mensal fixo tipo funcionário.
3. vive de vencimento mensal de pessoas com quem vive: não tem rendimentos próprios.
4. vive principalmente de sal rios irregulares, remuneração semanal, à tarefa ou à hora.
5. é principalmente sustentado pela segurança social (pensões de reforma, invalidez, etc.).
- 6.

18. Conforto do alojamento:

1. casas ou andares luxuosos e muito grandes oferecendo aos seus moradores o máximo conforto.
2. categoria intermédia: casas ou andares que, sem serem tão luxuosos como os da categoria precedente, são, não obstante, espaçosos e confortáveis.
3. casas ou andares modestos, bem construídos e em bom estado de conservação, bem iluminados e arejados, com cozinha e casa de banho (ex: Bairro Camarário).
4. categoria intermédia entre 3 a 5 (casa em bom estado de conservação mas sem quarto de banho dentro de casa, ou de construção clandestina).
5. alojamentos impróprios para uma vida decente, choças, barracas ou andares desprovidos de todo o conforto, ventilação, iluminação ou também aqueles onde moram demasiadas pessoas em promiscuidade, nomeadamente qualquer habitação em que o quarto de banho não sirva só ao agregado familiar.
- 6.

19. Aspecto do bairro onde vive:

1. bairro residencial elegante onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados.
2. bairro residencial bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas.
3. ruas comerciais ou estreitas e antigas com casas de aspecto geral menos confortável ou bairro de construção económica com água, luz e saneamento.
4. construção razoável mas sem água, ou luz ou saneamento.
5. zona degradada.
- 6.